UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL

ANA LÚCIA LOPES ASSUNÇÃO

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: o ensino de História e seus desafios no CEPI Matilde Margon Vaz de Catalão-GO

CATALÃO-GO
2024

UFCAT

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

DESPACHO

Processo nº 23852.001715/2024-30

Interessado: @interessados_virgula_espaco@

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[x] Dissertação [ ] Tese [ ] Outro*:

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Ana Lúcia Lopes Assunção

3. Título do trabalho

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: o ensino de História e seus desafios no CEPI Matilde Margon Vaz de Catalão-GO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor

Documento assinado eletronicamente por **RADAMES VIEIRA NUNES**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/03/2024, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015 .

Documento assinado eletronicamente por **Ana Lúcia Lopes Assunção**, **Usuário Externo**, em 31/03/2024, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0042201** e o código CRC **487AA106**.

Referência: Processo nº 23852.001715/2024-30 SEI nº 0042201

ANA LÚCIA LOPES ASSUNÇÃO

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: o ensino de História e seus desafios no CEPI Matilde Margon Vaz de Catalão-GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História - Mestrado Profissional, do Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), como requisito para à obtenção do título de Mestra em História, na área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores, linha de pesquisa: Cultura, linguagens e ensino de Hisstória.

Orientador: Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes.

CATALÃO-GO
2024

ASSUNÇÃO, ANA LÚCIA LOPES
A tecnologia digital como instrumento pedagógico : o ensino de História e seus desafios no CEPI Matilde Margon Vaz de Catalão-GO / ANA LÚCIA LOPES ASSUNÇÃO. - 2024.
98, XCVIII f.: il.

Orientador: Prof. Dr. RADAMÉS VIEIRA NUNES.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Catalão, Instituto de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História, Catalão, 2024.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras, lista de tabelas.

1. Educação Básica. 2. Tecnologias Digitais. 3. Ensino de História. 4. Ensino-aprendizagem. I. NUNES, RADAMÉS VIEIRA, orient. II. Título.

CDU 94

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - https://www.ufcat.edu.br

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **150** da sessão de Defesa de Dissertação de **Ana Lúcia Lopes Assunção**, que confere o título de Mestra em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Aos **vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro**, a partir da(s) **14h00m**, realizou-se em formato remoto, com o link meet.google.com/ctz-mvzy-dsd, a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **A TECNOLOGIA DIGITAL COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO: o ensino de História e seus desafios no CEPI Matilde Margon Vaz de Catalão- GO.** Os trabalhos foram instalados pelo **Professor Doutor Radames Vieira Nunes - (PPGHMP/INHCS/UFCAT) ,** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professor Doutor George Leonardo Seabra Coelho - (Universidade Federal do Tocantins - Campus Porto Nacional)** membro titular externo e a **Professora Doutora Regma Maria dos Santos - (PPGHMP/INHCS/UFCAT)**, membra titular interna . Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **Aprovada.** Proclamados os resultados pelo **Professor Doutor Radamés Vieira Nunes, Presidente da Banca Examinadora**, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro.**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **RADAMES VIEIRA NUNES**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/03/2024, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015 .

Documento assinado eletronicamente por **Regma Maria dos Santos registrado(a) civilmente como REGMA MARIA DOS SANTOS**, **Usuário Externo**, em 27/03/2024, às 22:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015 .

Documento assinado eletronicamente por **George Leonardo Seabra Coelho**, **Usuário Externo**, em 01/04/2024, às 15:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0042194** e o código CRC **53004046**.

Referência: Processo nº 23852.001715/2024-30 SEI nº 0042194

Dedico este trabalho aos meus colegas de profissão, as minhas filhas, meu esposo e o meu orientador.

AGRADECIMENTOS

Estou diante destas folhas, tentando traduzir a imensa gratidão que tenho a Deus por me fazer forte e perseverante até o fim. Foram dias árduos e de luta que se fizeram presentes na minha trajetória acadêmica. Sem que a gente perceba a vida nos mostra quem de verdade torce para o nosso sucesso, pois surgem, nesse momento, pessoas que te motivam de alguma forma e por essa razão quero agradecer as minhas filhas: Ana Gabriela Lopes Assunção e Maria Júlia Lopes Assunção e ao meu esposo José Santos de Assunção. Obrigada! Vocês me fizeram forte nesse processo.

Agradeço também a Universidade Federal de Catalão (GO) – UFCAT, uma Universidade pública que proporciona aos estudantes um estudo de qualidade.

Ao Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes meus sinceros agradecimentos pelas contribuições, pela atenção e dedicação comigo durante minha trajetória no Mestrado.

Aos professores que participaram da minha banca de qualificação e aos que contribuíram para a defesa dessa dissertação que se dispuseram a me ajudar e dedicaram tempo e não mediram esforços para que eu me tornasse mestre. Meu muito obrigada!

Não poderia deixar de agradecer aos meus colegas do mestrado por termos realizado, mesmo que de forma virtual, tantas trocas de conhecimentos e debates acerca dos conteúdos ministrados, visando o objetivo de construir o saber. Meu muito obrigada, pois, com vocês, vivenciei momentos excelentes!

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, proporcionaram-me auxílio e conhecimento para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Gratidão!

Quem cultiva a semente do amor

Segue em frente e não se apavora

Se na vida encontrar dissabor

Vai saber esperar a sua hora

Às vezes a felicidade demora a chegar

Aí é que a gente não pode deixar de sonhar

Guerreiro não foge da luta e não pode correr

Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer

É dia de sol, mas o tempo pode fechar

A chuva só vem quando tem que molhar

Na vida é preciso aprender

Se colhe o bem que plantar

É Deus quem aponta a estrela que tem que brilhar

Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé

Manda essa tristeza embora

Basta acreditar que um novo dia vai raiar

Sua hora vai chegar

(Alexandre Assis / Carlos Rodrigues / Gilson Bernini)

RESUMO

O atual cenário educacional tem passado por transformações, especialmente no que diz respeito às ferramentas aplicadas na prática pedagógica. As Tecnologias Digitais desempenham papel crucial nas mudanças no ambiente escolar. Muitos professores utilizam tecnologias digitais como forma de inovar as abordagens de ensino e aprendizagem e de se atualizar diante da realidade de alunos imersos na era digital e seus dispositivos. Contudo, as tecnologias digitais de comunicação e informação provocam impactos tanto positivos quanto negativos no contexto escolar. Há profissionais da educação que incorporam essas inovações sem reservas e resistência, e outros que enfrentam desafios significativos ao lidar com as transformações impostas. Nesse contexto, o presente estudo, de caráter qualitativo, baseado em pesquisa bibliográfica, análise documental e observação do espaço escolar, tem como propósito identificar e compreender as ambivalências proporcionados pelas Tecnologias Digitais no *CEPI Matilde Margon Vaz*, do município de Catalão (GO), especialmente em relação ao Ensino de História. O objetivo principal foi identificar os enfrentamentos e dificuldades que assolaram os professores e alunos ao usarem as Tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que, embora as Tecnologias Digitais ofereçam diversos benefícios para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, há desafios para melhor adaptação e aperfeiçoamento do seu uso na sala de aula. Reflexões sobre o assunto contribuem para que os profissionais da educação compreendam com mais precisão a capacidade de influência das tecnologias no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educação Básica. Tecnologias Digitais. Ensino de História. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Currently, the educational scenario has undergone transformations, especially regarding the tools applied in pedagogical practice. Digital Technologies play a crucial role in changes in the school environment. A lot of teachers use digital technologies to innovate teaching and learning approaches and to keep up to date with the reality of students immersed in the digital age and their devices. However, digital communication and information technologies have both positive and negative impacts in the school context. There are education professionals who incorporate these innovations without reservation and resistance, and others who face significant challenges when dealing with the imposed transformations. In this context, the present study, of a qualitative nature, based on bibliographical research, documentary analysis and observation of the school space, aims to identify and understand the ambivalences provided by Digital Technologies in CEPI Matilde Margon Vaz, from Catalão (GO), especially in relation to History Teaching. The main objective was to identify the challenges and difficulties that plagued teachers and students when using digital technologies in the teaching-learning process. It concluded that, although Digital Technologies offer many benefits to improve the teaching and learning process, there are challenges in better adapting and improving their use in the classroom. Reflections on the subject help education professionals to understand more precisely the ability of technologies to influence everyday school life.

Keywords: Basic education. Digital Technologies. Teaching History. Teaching-learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alunos recebendo *Chromebook* do governo.....49
Figura 2 – Diário manuscrito de 2010.....51
Figura 3 – Diário digital de 2023.....52
Figura 4 – Colégio Militar Iris Rezende 2023.....60
Figura 5 – Recibo de doação para escola.....63
Figura 6 – Publicação no Facebook da premiação recebida.....64
Figura 7 – Publicação no Facebook do redário da escola.....65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEPI – Centro de Ensino em Período Integral

CPMG – Colégio da Polícia Militar de Goiás

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SEDUC – Secretária de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....15

CAPÍTULO I - TECNOLOGIA E CULTURA DIGITAL NO ESPAÇO EDUCACIONAL .21

1.1 Diálogos sobre Tecnologia Digital e ensino escolar 31

1.2 Vantagens e desvantagens do uso da tecnologia digital no âmbito escolar.....39

CAPÍTULO II - HISTÓRIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS SINGULARIDADES NO CEPI MATILDE MARGON VAZ.....45

CAPÍTULO III – TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO REMOTO: DESAFIOS DE UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA E SUA ESCOLA NO CONTEXTO PANDÊMICO.....72

3.1 Relato de experiência do PIBID-história/UFCAT na modalidade de ensino remota, no então Instituto Matilde Margon Vaz. 84

CONSIDERAÇÕES FINAIS 90

REFERÊNCIAS 93

INTRODUÇÃO

O termo tecnologia é abrangente, englobando todas as inovações de ferramentas e métodos utilizados pelo ser humano ao longo de sua história, desde a manipulação das primeiras ferramentas até a era das tecnologias digitais de comunicação e informação, a sociedade tem passado por transformações e diversificações. Tecnologias são criações desenvolvidas para atender às necessidades de organizações e indivíduos. Tecnologias continuam surgindo constantemente, e seu uso adequado pode resultar em inúmeros benefícios.

Devido ao desenvolvimento de tecnologias a sociedade tem se tornado mais dinâmica, especialmente no que diz respeito à comunicação. A mudança que advém desse processo de aperfeiçoamento das tecnologias, requer, quase sempre, adaptação contínua às novas relações que emergem em vários setores da sociedade, desde o econômico até o educacional. Quando se observa o potencial e os benefícios de uma nova ferramenta tecnológica, é quase irresistível o impulso de incorporá-la no cotidiano. Dessa mesma forma ocorre com as instituições educacionais frente as ferramentas digitais que se proliferam. Entretanto, é preciso entender como usá-las na sala de aula explorando efetivamente seus benefícios e potencialidades. É nessa perspectiva que essa pesquisa busca lançar luz sobre o uso de dispositivos digitais em sala de aula, com ênfase no ensino de história e suas especificidades.

Na sociedade contemporânea, a internet se faz cada vez mais presente, de seu advento até hoje ela vem se consolidando e se afirmando cada vez mais como item de necessidade básica nas escolas, em todos os níveis e modalidades de ensino. A utilização e atualização constante da informação no ambiente digital tem resultado na categorização do conhecimento, que anteriormente era predominantemente oral e escrito, agora também recebendo uma classificação digital. Embora essas categorias tenham surgido em períodos distintos, é possível afirmar que coexistem na sociedade atual, direcionando os indivíduos para múltiplas racionalidades, percepções variadas e comportamentos diferenciados no processo de aprendizagem.

As tecnologias digitais utilizadas como ferramenta na educação proporcionam inúmeros benefícios para professores e alunos: facilita a comunicação, pode ser útil na promoção de projetos educacionais, serve como fonte de informações, na elaboração e apresentação de conteúdos, entre tantos outros usos. A internet e seus dispositivos podem ser aplicados em atividades diversificadas, que fomentam o senso crítico e incentivam os estudantes a buscarem informações com autonomia, transformando-os em protagonistas do processo de autoaprendizagem. Além disso, contribuem para o aprimoramento profissional dos educadores,

permitindo que ampliem suas fontes de informação e conhecimento, proporcionando um processo de ensino mais dinâmico, inovador e centrado no aluno.

Kenski (2010) ressalta que as tecnologias digitais operam com uma lógica baseada no fluxo e nas redes de informação, exigindo, portanto, a habilidade de lidar com seu instrumental. Morin (2001) afirma que apesar do progresso tecnológico, é considerada a existência de uma crise no sistema educacional, marcada por exemplo com a desvalorização e a precarização do trabalho docente; o autor considera que o modo como a educação é conduzida não é adequado para uma visão de futuro e destaca a necessidade de promover o conhecimento e a aprendizagem em relação às questões globais, visando superar os desafios presentes nesse cenário.

A implementação das tecnologias digitais no setor educacional transcende a simples adoção de ferramentas tecnológicas, abarcando também transformações sociais e culturais significativas. Isso exige a criação de espaços de aprendizado que incentivem a interação e a colaboração entre os estudantes, reconhecendo a individualidade de cada um. Por outro lado, é fundamental que os educadores mantenham uma postura receptiva a novas perspectivas, livres de preconceitos, demonstrando flexibilidade e adaptabilidade contínua para se desenvolverem profissionalmente. Desse modo, estarão aptos a preparar a sociedade para gerenciar e engajar-se ativamente com um volume crescente de informações, desempenhando um papel central e ativo nesse processo evolutivo tanto lento quanto progressivo.

Para se adaptar às novas demandas, as instituições educacionais estão, gradualmente, adotando novos padrões e abordagens no processo de ensino-aprendizagem, utilizando as tecnologias como uma forma de diversificar e enriquecer a experiência educacional. Em contraste com o antigo paradigma educacional em que o professor era o centro das discussões e as possibilidades de autonomia dos estudantes não eram levadas em consideração, além disso, os materiais utilizados em sala de aula se destacavam por serem apenar o quadro e o giz; que poderia limitar a aprendizagem do aluno. Embora as tecnologias digitais hoje sejam revolucionárias, elas não são algo simples de se discutir, pois, ao mesmo tempo que demonstram vantagens, demostram desvantagens, fator este que será tratado no decorrer desse estudo.

A integração e aplicação das tecnologias digitais na escola também dependem do comprometimento dos professores em debater a relevância e a urgência de introduzir tais tecnologias neste contexto histórico. Quanto mais discutirmos o uso do computador, por exemplo, em sala de aula, mais poderemos entender os possíveis benefícios e desafios dessa abordagem no ensino de História, que também serve para reduzir resistências e desconfianças por parte dos profissionais da educação.

O computador é um instrumento que nos leva é uma tecnologia digital que já se tornou uma constante no cotidiano das pessoas, interagindo com a tecnologia de maneira direta ou indireta. É imprescindível que seu uso nas escolas ultrapasse os limites dos espaços administrativos ou dos laboratórios de informática, transformando-se em uma ferramenta de suporte ao processo de ensino e aprendizagem. Importante também é a inserção do computador nas discussões entre os professores, permitindo uma análise criteriosa dos benefícios e desvantagens dessa tecnologia para a educação e a sociedade. Não somente do computador, mas sim da tecnologias digitais de forma geral. Vale ressaltar que a tecnologia por si só não garante a melhoria no desempenho estudantil, o trabalho do mediador é fundamental, por isso a pesquisa também destaca a importância da habilidade do professor em capturar e sustentar a atenção de seus alunos.,

A emergência da internet marcou e segue influenciando profundamente a evolução da sociedade contemporânea, facilitando o desenvolvimento de uma conexão robusta que transforma a estrutura e a dinâmica social, além de modificar os conceitos tradicionais de cultura, que agora é frequentemente referida como cibercultura[1]. No âmbito das inovações tecnológicas, as novidades são prontamente assimiladas pela sociedade, com destaque para as redes sociais, aplicativos e entre outros exemplos.

Considerando as ideias de Freire (1979), o fundamento para uma formação educacional eficaz começa com a ação do professor, que contribui para a construção de uma sociedade reflexiva, contudo, para estabelecer essa base, é relevante que o educador assume o compromisso de trilhar o caminho do ensino e aprendizado, com isso, é fundamental destacar que a prática de ensinar é uma responsabilidade incontestável que requer desenvolvimento contínuo. Portanto, torna-se essencial que o educador busque constantemente aprimorar e adaptar sua abordagem pedagógica para melhor atender às necessidades dos alunos.

Portanto, torna-se evidente a importância de entender a tecnologia digital, o alcance de suas ações e consequências, assim como as transformações que ela promove. É por meio desse entendimento que reconhecemos a significativa influência da tecnologia no meio acadêmico, tanto em sua concepção quanto em sua aplicação. Desta maneira, destacamos e fundamentamos a importância do estudo das tecnologias digitais e sua interação com o ensino de História nas escolas. A internet, em particular, tem sido um vetor de mudança nas práticas de comunicação e educacionais, influenciando desde a leitura e a escrita até a pesquisa e o uso como ferramenta

[1] Para Pierre Lévy, a cibercultura é um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Ela é um fluxo ininterrupto de ideias, ações e representações entre pessoas conectadas por computadores.

auxiliar em sala de aula, ou como meio de disseminação de informações.

Reconhecemos então que o estudo das tecnologias é profundamente entrelaçado e dependente e ao selecionarmos uma tecnologia específica, estamos, de forma implícita, escolhendo um determinado tipo de cultura que reflete o contexto social, político e econômico no qual estamos inseridos. Isso se torna evidente ao considerarmos a incorporação de qualquer tecnologia ao processo educativo, o que inclui, é claro, meios de comunicação como a televisão, rádio, cinema e internet, além dos métodos tradicionais de comunicação como a fala e a escrita. Naturalmente, isso também se aplica às tecnologias educacionais tradicionais, como cadernos, quadro, giz e livros, quando disponíveis.

Com o intuito de aprofundar o entendimento sobre as características das tecnologias digitais aplicadas na escola, este estudo busca analisar a interação entre a mediação pedagógica inerente ao uso das tecnologias digitais na sala de aula, com ênfase no ensino de História no CEPI – Centro de Ensino em Período Integral – Matilde Margon Vaz, da cidade de Catalão, no estado de Goiás. Nesse sentido, esse estudo visa responder os seguintes questionamentos: quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores ao usarem as tecnologias digitais na sala de aula? Quais são os aspectos positivos e negativos do uso das tecnologias digitais nos espaços educativos? Como ministrar aula de História com o apoio das tecnologias digitais? Questões que surgiram durante minha formação em história, mas principalmente a partir da experiência como professora ministrando aulas de História em instituições de Educação Básica da rede pública estadual, o que se justifica também o motivo de escolher a respectiva temática como centro de discussão dessa pesquisa científica.

A conexão entre educação e tecnologia é intrinsecamente estreita, refletindo as relações sociais estruturadas em determinado período histórico, moldadas pelas necessidades humanas de se atualizar. Sob essa ótica, a tecnologia pode ser percebida como manifestações simbólicas e linguagens que se entrelaçam na interação social, revelando traços distintivos de uma civilização. Múltiplas habilidades podem ser desenvolvidas ao mesmo tempo, contribuindo para a criação de indivíduos versáteis e multifacetados. Isso se destaca especialmente quando o uso da internet permite variadas formas de comunicação e interação entre diferentes culturas, enriquecendo significativamente o processo.

No contexto do ensino de História relacionado ao uso da tecnologia digital com a utilização da Internet como recurso didático e tecnológico – tanto para os professores quanto para os estudantes – possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico em relação aos desafios do mundo moderno, incluindo as dinâmicas sociais, políticas e econômicas contemporâneas. Isso demanda do professor uma abordagem que busque estimular a

consciência crítica dos alunos, o que é especialmente importante na Era da informação na qual o perfil dos estudantes é caracterizado por uma crescente insatisfação em relação ao conhecimento transmitido, muitas vezes percebido como desconectado de suas necessidades reais.

Assim, torna-se fundamental que o professor conduza suas pesquisas e planejamentos pedagógicos apoiando-se em recursos didáticos, técnicas e práticas educativas orientadas por uma abordagem de ensino que consiga incorporar os recursos disponíveis, desde o livro didático até a internet. Essa integração permite ao estudante acessar o conhecimento de maneira mais rápida e simples, contribuindo para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e o surgimento de novas potencialidades. Tais potencialidades podem desempenhar um papel vital na criação de conexões interdisciplinares que desafiam o tradicionalismo escolar. Claro está que, para que essa transformação ocorra, tanto educadores quanto alunos devem estar familiarizados com as novas linguagens tecnológicas e saber como adaptá-las às diferentes realidades sociais, especialmente para desconstruir conceitos equivocados e desfazer ilusões motivadas por interesses políticos ou econômicos.

Na tentativa de compreender toda essa dinâmica dita anteriormente em que envolve tecnologia digital e ensino de história, metodologicamente, essa pesquisa foi construída a partir de uma revisão bibliográfica (Marconi e Lakatos, 2004), pesquisa documental e observação na escola alvo dessa investigação. O levantamento bibliográfico foi realizado em repositório de teses e dissertações, revistas acadêmicas especializadas sobretudo no campo das humanidades e nas referências bibliográficas indicadas e sugeridas no decorrer das disciplinas do PPGH-MP da UFCAT. A pesquisa documental foi realizada nos acervos do CEPI Matilde Margon Vaz e nas páginas e sites relacionados a Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Toda documentação selecionada foi submetida a crítica interna e externa, análise minuciosa seguida de interpretações a partir do instrumental teórico da História. Para tanto dialogamos com autores que se debruçaram direta ou indiretamente sobre essa temática que envolve cultura digital e tecnologia digital, como por exemplo: Setton (2010), Kenski (2011), Baudrillard (2011), Lévy (2010), Moran (2013), Masetto (2013), Bauman (2001), Lemos (2009), Castells (1999), Gere (2008), entre outros.

O segundo capítulo dedica-se as vivências e experiências inerentes as transformações tecnológicas no âmbito do CEPI Matilde Margon Vaz, especialmente no ensino de História. A proposta é demonstrar, com evidências, como a escola foi se adequando as inovações tecnológicas ao longo do tempo e propor reflexões sobre esse processo de conformação. A finalidade do ensino de História reside na interpretação das diferentes narrativas dos eventos,

em vez de meramente memorizá-los.

O entendimento da história é crucial para compreendermos o presente e projetarmos o futuro, destacando a relevância de incorporar conhecimentos históricos para uma análise crítica das conexões históricas do país. As narrativas individuais contribuem para as coletivas e os eventos históricos não se justificam isoladamente; eles se tornam inteligíveis e ganham voz quando interligados a outros acontecimentos dentro de um contexto ampliado. Nessa perspectiva analisaremos, dentre outras fontes, fotografias que permitam perceber a relação dos alunos e professores com as tecnologias digitais em atividades do componente curricular da História, em outras palavras, realizamos uma observação das práticas que envolvem tecnologias digitais na escola onde trabalho, a partir da lente das referências bibliográficas que compõe o repertório teórico da pesquisa.

Por fim, o terceiro capítulo consiste numa espécie de relato de experiência da atuação docente na mesma escola no contexto da pandemia de Covid-19, momento marcado pela aceleração compulsória da inserção de tecnologias digitais no ensino de História. A pandemia provocada pela Covid-19 fez com que as dinâmicas educativas se reconfigurassem de forma rápida e abrupta e o ensino remoto passou a ser a forma como os professores mediavam suas aulas. Vários foram os desafios encontrados, pois, além de alunos e professores não terem conhecimento tecnológico para o manuseio das ferramentas, muitos alunos e professores também não possuíam acesso à tecnologia.

Em suma, o isolamento social fez com que a tecnologia se fortalecesse dentro dos espaços educativos e o uso da tecnologia digital passa ser relevante nesse processo, o que perdura até os dias atuais, pós pandemia. Essa experiência foi compartilhada por mim, como professora supervisora dos bolsistas do subprojeto de História do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Catalão. Enfrentamos juntos o desafio de planejar, organizar e executar aulas de História na modalidade remota para os alunos do CEPI Matilde Margon Vaz.

Com isso, no primeiro capítulo desta dissertação os tópicos discorridos foram a tecnologia e a influência da cultura digital no espaço educacional em um âmbito geral do contexto escolar do país. Para afunilar o processo, no segundo capítulo focamos os mesmos tópicos, mas especificamente no CEPI de destaque nessa pesquisa. Por fim, no terceiro capítulo, o relato pessoal dessa pesquisadora amarra a pesquisa mostrando as dificuldades e singularidades para que as tecnologias fossem eficientes no ensino de História no CEPI Matilde Margon Vaz.

CAPÍTULO I - TECNOLOGIA E CULTURA DIGITAL NO ESPAÇO EDUCACIONAL

A sociedade está permeada de tecnologias em diferentes espaços e isso não é um fato novo, a cada período histórico as tecnologias e suas implicações se apresentam de maneiras distintas, trazendo não somente inovações, mas consequências e inquietações em relação a seu uso. Desde os primórdios a humanidade se aventura nas suas conquistas e invenções, dentre outros, com o objetivo de sobreviver ou conquistar novas realidades e vivências.

Nessa perspectiva, cria-se um perfil de sociedade com um novo formato de vivências exigindo, de alguma maneira e em diferentes níveis, que os sujeitos se mantenham sempre atualizados para que possam acompanhar os desdobramentos que o mundo tecnológico oferta por meio de seus instrumentos e mídias digitais. A esse respeito Marcushi e Xavier (2010) destacam que as mudanças tecnológicas interagem, dentre outros fatores, com os fatores sociais, econômicos e políticos de modo a determinar novas formas de socialização. (MARCUSHI & XAVIER, 2010).

Para Setton (2010) o conceito de cultura digital é abrangente e refere-se aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação. A cultura digital refere-se ao conjunto de práticas, valores, comportamentos e expressões que surgem da interação das sociedades com as tecnologias digitais. Ela abrange uma ampla gama de atividades e fenômenos associados ao uso de máquinas sofisticadas, smartphones, internet e outros dispositivos digitais. Ainda de acordo Setton (2010), quer seja para o positiva ou negativa, a cultura digital transmite diversas mensagens que contribuem para a formação das identidades afinal crianças, jovens e adultos estão a todo o momento em contato com a veiculação de inúmeras informações e conhecimentos, que chegam cada vez de forma mais acelerada. (SETTON, 2010).

Em relação ao uso dessa cultura digital, Setton (2010) aponta que os indivíduos que a usufruem não são passivos, ao contrário, são capazes de interpretar os conteúdos das mensagens a partir da sua bagagem de valores apreendidos no decorrer do tempo e socialização. A autora aponta que as atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre pessoas vivas e pensantes, entidades materiais naturais e artificiais, ideias e representações. (SETTON, 2010).

Sob essa ótica, as tecnologias digitais, caracterizadas como midiáticas – televisões, computadores, celulares, entre outras – invadiram e começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, e são vistas não somente como tecnologias, mas como continuação do espaço de vida, transformando comportamentos, tornando os sujeitos “tele dependentes”. E aí que se encontra

o grande desafio da escola atual e dos profissionais da educação básica, principalmente dos professores, “desenvolver a consciência crítica e fortalecer a identidade das pessoas e dos grupos” (KENSKI, 2011, p. 26). A autora enfatiza que “as tecnologias na atualidade precisam ser geradoras de oportunidades para alcançar a sabedoria” (p. 66) pela oportunidade de comunicação e interação entre os agentes ativos e colaborativos – professores e estudantes – na atividade didática. As tecnologias não vão revolucionar o ensino, nem a educação de forma geral, mas a sua maneira de utilização – entre os pares – poderá ser ou não revolucionária. A autora também corrobora que “as tecnologias digitais nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente” (KENSKI, 2011, p. 66), todavia ensino de qualidade não depende exclusivamente delas.

Há, por exemplo, grande interesse dos Estados nas cibertecnologias, quando se trata da busca pela potência e supremacia militar. Por outro lado, não necessariamente oposto, há grupos que tem interesse no uso das tecnologias para resolução de problemas atuais e pontuais, como melhorar a qualidade de vida de determinado grupo ou a vida em sociedade. Interesses diversos que podem se contrapor ou se complementar que são alvos de discussões, colocando em pauta o papel das tecnologias no mundo. Desse modo, podemos afirmar que a técnica é um objeto cultural da sociedade com capacidade para transformá-la. Segundo Aguiar e Passos (2014):

> A técnica criativa é humanizada, pois é consequência da ação imaginativa, reflexiva e motora do sujeito, por outro lado o ser humano é tecnologizado, pois ao criar e utilizar recursos e instrumentos para atuar no seu contexto vivido ressignifica-se e transforma-se (AGUIAR & PASSOS, 2014, p. 06).

Outro aspecto importante é analisar se somos apenas usufrutuários das novas tecnologias que surgem vertiginosamente. Será que as técnicas realmente determinam ou condicionam a sociedade e a cultura? Essas são algumas das indagações propostas por Lévy (1997), e o autor afirma que condicionar significa dar possibilidades até então não pensadas, sendo assim, para ele nem toda criação é aproveitada e utilizada, toda técnica guarda relação com interesses, portanto, fica inviável pensar numa neutralidade em relação ao seu uso. Com base nessas considerações não basta avaliar o impacto de uma tecnologia no mundo, mas também compreender até que ponto essa técnica pode nos levar.

Em seu livro Cibercultura, Pierre Lévy (1997) um entusiasta das tecnologias digitais, explana que o papel da escravização que as máquinas a vapor desempenharam em relação aos operários produziu uma nova organização social, quando as indústrias têxteis desempenharam

e ocuparam papel relevante no processo de industrialização. As máquinas modificaram não apenas a forma de produção, mas as relações de trabalho e a própria organização social. Por sua vez, o homem, embora condicionado ao ritmo da máquina, promoveu diversas manifestações de insatisfação frente a nova realidade por ele experienciada naquele contexto, enfim, o uso da máquina foi condicionante, mas não determinante. Nesse sentido, Lévy (1997) discorre que:

> Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha os espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus impactos, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela. (LÉVY, 1997, p. 26).

Nesse sentido Lévy (1997) argumenta que o que é comumente denominado de tecnologias digitais é na verdade a atividade multiforme de seres humanos que faz parte do processo social. As tecnologias já fazem parte do nosso cotidiano, mesmo não sendo notadas. Segundo Kenski (2011, p. 19), "dificilmente nossa maneira atual de viver seria possível sem as tecnologias", de acordo com ela a tecnologia deve ser entendida como um conjunto constituído por ferramentas tecnológicas, utilizadas na nossa vida diária, e como técnica aos usos que lhes destinamos; são alguns exemplos de tecnologias: o quadro, as carteiras dos alunos, os diários de classe, os cadernos. Dentro da noção mais ampla de tecnologia, há aquelas que constituem a cultura digital, que são os equipamentos eletrônicos que operam numa lógica binária, em que todas as informações (dados) são processadas e guardadas a partir de dois valores lógicos.

Sobre as tecnologias digitais é preciso considerar que elas não alcançaram e não alcançam a todos de forma igual, por isso reforçam ou expressam o cenário de desigualdades e seus problemas. Desde os primeiros computadores que surgiram nas sociedades pioneiras do processo de industrialização, na Inglaterra e Estados Unidos, por volta de 1945, o uso de dispositivos digitais promove exclusão por não ser acessível a todos. Apesar dos avanços na ampliação do acesso desde então ainda há um longo caminho a ser percorrido para um acesso mais justo, abrangente e equânime. De acordo com Lévy (1997), os primeiros computadores que surgiram tanto na Inglaterra, quanto nos Estados Unidos, eram de posse dos militares e de uso bem restrito.

> Os computadores ainda eram grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em salas refrigeradas, que cientistas em uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis. A informática servia aos cálculos científicos, às estatísticas dos Estados e das grandes empresas ou a tarefas pesadas de gerenciamento (folhas de pagamento etc.). (LÉVY, 1997, p. 31).

Ainda para Lévy (1997), a grande virada do mundo digital se deu por volta de 1970, com o desenvolvimento e comercialização do microprocessador, abrindo assim, uma nova fase no processo de automação e, nos anos 80 viriam o prenúncio da multimídia, e a partir desse período amplia-se o número de pessoas conectadas a rede e com posse de computadores pessoais. Analisar os resultados dessa (r)evolução tecnológica é tarefa difícil, apesar de não ser alvo dessa investigação pormenorizar tal história, o aperfeiçoamento da técnica digital foi determinante para atual configuração que permite navegar por grande quantidade de dados, de forma rápida, fácil e sem limites de distância e fronteira.

O uso da tecnologia, como vimos anteriormente, tem marcado profundamente a história. Com a Revolução Industrial no século XVIII e o surgimento e aprimoramento de novas formas de trabalho advindo do uso das máquinas no processo produtivo tornou-se necessário a adequação ou mesmo criação de novas formas de trabalho. Transformações que aconteciam de forma mais lenta ganham um nível mais rápido, a partir desse momento em que o homem se aventura com o uso das máquinas. Nessa perspectiva, Klanovicz (2007), diz que a tecnologia ganhou força a partir do século XVIII com o advento da divulgação dos pensamentos dos autores iluministas que a entendiam como fonte libertadora, permeada com a ideia de progresso e prosperidade humana. Nessa perspectiva, a ideia de felicidade e sucesso no imaginário estava atrelada ao consumo de produtos tecnológicos. A sociedade do consumo passou a ser o fenômeno das massas. De acordo com Klanovicz (2007):

> A partir dos anos 1960, o problema não residia mais no determinismo tecnológico, mas nas "ironias dolorosas das escolhas tecnológicas". A tecnologia passava a ser discutida em outros patamares, que a vinculavam não apenas a uma leitura filosófica marcada pela análise de suas propriedades, de sua constituição, mas, também, da sua construção a partir de um processo plenamente social, político, cultural, econômico e ambiental. (KLANOVICZ, 2007, p. 139).

Sob essa ótica, o autor explicita que a situação da história da tecnologia em seu percurso inicial foi a de destinar atenção demasiada sobre a historicidade das inovações e das invenções, sendo assim, o que chamou atenção foram as invenções e seus referidos autores, ressaltando que qualquer tema abordado e sua problematização mudam de acordo com cada contexto histórico vivenciado, tendo em vista que os questionamentos não param e eles são responsáveis por novas pesquisas fundamentais para o desenvolvimento de qualquer ciência.

Com o advento das revoluções industriais ao longo dos tempos houve uma crescente preocupação com os estudos sociais da ciência e da tecnologia, tendo em vista os diferentes níveis de desenvolvimento pelos quais os países passavam e a necessidade de promover o

crescimento tecnológico dos países em desenvolvimento. Paralela as revoluções industriais são importantes mencionar o que Hobsbawn (2007) denomina ser a revolução cultural, sentida nas economias de mercado industrial. Tal revolução contribuiu para que as forças econômicas sociais do final do século XX se transformasse no chamado Terceiro Mundo e possibilitassem não somente a mudança econômica, mas em todas as estruturas sociais do mundo global.

Para Kenski (2011) tecnologia é o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam a um determinado tipo de atividade, como construir uma caneta esferográfica ou um computador, não importa, nesta tarefa o ser humano precisa pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. De acordo com Pretto (2001), e por meio das informações acima, é perceptível que a tecnologia seja pautada nas transformações ocorridas no espaço, seja ele material ou imaterial, sendo assim, pode-se dizer que o ser humano com o uso da tecnologia possui a capacidade de inventar, reinventar e produzir conhecimentos.

Vale observar, após essa rápida passagem pela história da tecnologia a partir da revolução industrial, que uma nova técnica não pode ser entendida como algo único, exclusivo e isolado, ela guarda relação com outros momentos e técnicas precedentes. Em outras palavras as tecnologias de outrora de algum modo influenciam e interferem nas presentes, um dispositivo digital contemporâneo, por exemplo, só se tornou possível por outras tantas tentativas e descobertas tecnológicas anteriores. Não cabe aqui remontar a origem, pois isso nos faria recuar até a pedra lascada ou domínio do fogo, técnicas criadas tão remotamente, mas que ainda são essenciais.

Conforme Castells (1999) na Contemporaneidade as pessoas se relacionam diferentemente com as tecnologias de comunicação, ao aceitá-las e usá-las provocam sua própria transformação, criando uma sociedade em rede que tem como legado revolucionário e transformador o uso fruto da internet, seus desdobramentos e aspectos incorporados pelo sistema capitalista, modificando as formas como as pessoas se portam em sociedade por meio da tradição e inovação. Para Lemos “[...] a microinformática é que vai dar esse tom planetário que ganha uma dimensão mais radical com o surgimento das redes. Então é essa cultura do telefone celular, dos computadores, das redes, dos micro objetos digitais que funcionam a partir desse processo eletrônico digital” (LEMOS, 2009, p. 136).

A tecnologia digital instalada na sociedade transformou a maneira como as pessoas se relacionam no cotidiano em todas as dimensões seja social, política, econômica, essa nova tecnologia está disposta em todos os espaços de diferentes formas: na saúde, no lazer, nas relações amorosas e inclusive nos espaços educativos. As tecnologias digitais foram lapidadas ao longo do tempo e hoje estão difundidas na sociedade, facilitando a circulação da informação

na rede e a qualidade de vida e do ensino da população. Sobre a tecnologia Castells (1999) afirma que:

> Ela originou-se e difundiu-se, não por acaso, em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi uma ferramenta básica. Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e também informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional. (CASTELLS, 1999, p. 50).

Com a presença da internet as transformações de natureza social, cultural, educacional, comportamental, política e econômica está se estabelecendo um novo paradigma tecnológico com base nas tecnologias digitais, ou seja, uma nova forma de cultura através dessas mudanças provocadas pelo uso das tecnologias. O uso das tecnologias digitais refere-se a um conjunto de ferramentas, recursos e dispositivos que utilizam a tecnologia digital para processar e transmitir informações. É compreendida como um direito do cidadão, porém há contradições, pois muitas pessoas acabam não tendo acesso a essas tecnologias, como explanamos anteriormente. A lógica do capitalismo se aplica no uso das novas tecnologias digitais limitando o acesso a pessoas e grupos e determinando para outros uso indiscriminado e alienado.

As tecnologias estão disseminadas na sociedade, estando presentes no ambiente familiar, nas relações afetivas, na política, no âmbito social, no modo de produção da sociedade, entre outros. Porém, será a sua função e a forma como será utilizada que estabelecerá o rumo que será tomado pela sociedade. Sabe-se que a relação crítica e consciente com a cultura digital e suas tecnologias pode promover o desenvolvimento e o conhecimento de uma sociedade.

Hoje em dia, são poucas as comunidades que não têm televisões, computadores ou redes de telefonia. Os avanços tecnológicos continuam a progredir de maneira irreversível, assemelhando-se a uma via de sentido único. Nesse contexto, a chegada da internet representa um ponto crucial na evolução das tecnologias, influenciando significativamente os avanços econômicos e sociais ligados à rede, bem como a ampliação do consumo de artefatos digitais.

Esses desenvolvimentos têm desempenhado um papel fundamental na configuração de diversas experiências. Paralelamente, existe uma inquietação em relação aos usos culturais das novas tecnologias. É crucial notar que as tecnologias não são meros coadjuvantes nas questões culturais, mas sim elementos centrais. Elas não são acessórios periféricos para os observadores, mas sim elementos omnipresentes. Em resumo, como afirmado por Lister (2009, p. 16), "toda cultura é tecnológica".

Para entender a ascensão de uma Cultura Digital como uma necessidade e tentar situá-

la como um reflexo da sociedade que dedica consideráveis recursos em equipamentos tecnológicos, é essencial examinar não apenas as condições históricas, mas também as circunstâncias econômicas e sociais que possibilitaram a formação desse tipo de cultura. De fato, é desafiador compreender completamente as mudanças provocadas pelo digital em todas as dimensões da vida.

A maioria dos meios de comunicação, como televisão, cinema, indústria da música, revistas e jornais, está cada vez mais optando por produzir e distribuir seus conteúdos em formato digital. No entanto, a influência da tecnologia digital vai além desses meios, uma vez que computadores com acesso à internet tornaram-se ferramentas essenciais em diversas atividades cotidianas, como pagamento de contas, transferências bancárias, comunicações instantâneas, compras, entretenimento, lazer, informação, relacionamentos afetivos e estudo. Pierry Lévy em sua obra: *O que é virtual*, publicada em 2011, explica essa relação do uso dos computadores com acesso à internet, como um fenômeno caracterizado por um conjunto de técnicas, tanto materiais quanto intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que evoluem de forma concomitante com a expansão do ciberespaço (LÉVY, 2011. 57).

Não há dúvidas de que o uso das tecnologias digitais facilita a vida humana, entretanto existe um outro lado conforme pondera o autor Baudrillard (2011), ao fazer uma analogia relevante do uso exacerbado dos computadores, ele compara o uso das tecnologias digitais a um vício, pois nos tornamos condicionados desses processos e esquecemos das relações interpessoais que são estabelecidas em todos os espaços, inclusive no espaço educacional. A esse respeito Baudrillard (2011), explicita que

> O sistema gira, desse modo, sem fim e sem finalidade. Resta-lhe a reprodução e a involução ao infinito. Daí a confortável vertigem dessa interação eletrônica e informática, como uma droga. A droga mesma nunca é mais do que um exemplo perfeito da louca interatividade em circuito fechado. Em nome da domesticação dizem-nos: o computador não passa de uma máquina de escrever mais prática e complexa. É falso. O computador é uma verdadeira prótese. Tenho com ele uma relação não somente interativa, mas tátil e Inter sensorial. Torno-me um ectoplasma da tela. Daí, sem dúvida, nessa incubação da imagem virtual e do cérebro, as falhas que afetam os computadores e são como os lapsos do próprio corpo. (Baudrillard, 2011, p. 132).

De acordo com Baudrillard (2011), o apelo das máquinas virtuais provém, sem dúvida, menos da busca por informação, conhecimento ou mesmo interação, do que do anseio pelo desaparecimento e da oportunidade de se dissolver em uma convivialidade fantasiosa. A virtualidade associada às tecnologias digitais se aproxima da sensação de felicidade apenas ao eliminar discretamente a referência às coisas. Ela oferece tudo, mas de maneira sutil.

Simultaneamente, encobre tudo. O sujeito encontra sua realização completa nesse ambiente, mas ao alcançar essa realização, automaticamente torna-se objeto, gerando uma sensação de pânico.

A presença da tecnologia digital é observada nos supermercados, bancos, shoppings, elevadores, escritórios, escolas, universidades, estradas e, frequentemente, nas ruas, onde estamos sujeitos a monitoramento digital. Vale ressaltar que muitas ações dos governos, instituições e organizações, relacionadas ao controle, fiscalização e punição, também dependem e se baseiam nas tecnologias digitais.

As mudanças impulsionadas pela tecnologia digital também geraram um efeito expressivo, tudo parece ter um local e um ritmo acelerado, influenciando as percepções de espaço e tempo. Conforme destacado por Bauman (2001), os fluxos de capital e pessoas tornaram-se mais leves, viajando apenas com bagagens de mão que incluem pastas, telefones celulares e laptops. Isso proporciona aos "passageiros" a capacidade de embarcar e desembarcar em qualquer lugar, sem a necessidade de permanecer em um local por mais tempo do que o necessário.

Os telefones celulares ilustram claramente essas transformações e adaptações. Anteriormente considerados instrumentos exclusivos do mundo corporativo e empresarial, úteis para a vida de executivos de grandes empresas, agora são amplamente populares e indispensáveis para pessoas de todas as idades, desde crianças até idosos. As versões de smartphones estão amplamente disponíveis e, utilizando uma expressão que funcionam como uma espécie de "tele tudo", sendo um dispositivo que combina funções de telefone, câmera, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, envio de e-mails e SMS, GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos) e carteira eletrônica (LEMOS, 2009, p. 9).

Recorrer ao meio digital é invocar, de maneira metonímica, um amplo conjunto de expressões que englobam dispositivos como tablets e smartphones, representações virtuais, comunicações instantâneas e conectividade. Isso refere-se a uma ampla variedade de formas midiáticas viabilizadas pela tecnologia digital, que incluem a realidade virtual, o cinema digital, a televisão digital, a música eletrônica, os jogos de computador, a internet, a World Wide Web, entre outros. Além disso, abrange o cenário empresarial dominado por gigantes tecnológicas como a Microsoft, a Apple ou a Sony.

Com base nessas evidências, seria viável sugerir a existência de uma Cultura Digital distinta, em que o termo "digital" representaria uma maneira específica de vida de um grupo ou vários grupos de indivíduos em um determinado período da história. Seguindo uma das definições de cultura apresentadas por Williams (1975), a Cultura Digital pode ser concebida

como um marcador cultural, abrangendo tanto os artefatos quanto os sistemas de significado e comunicação que delineiam e distinguem nosso estilo de vida contemporâneo em relação aos demais.

O diálogo em torno da Cultura Digital, de acordo com Gere (2008), está fundamentado em duas crenças correlacionadas. Uma delas é que essa cultura representa uma ruptura decisiva com o que a antecedeu (no caso, a cultura analógica), e a outra é que a Cultura Digital é derivada e determinada pela presença da tecnologia digital (GERE, 2008, p .17). No entanto, examinar a Cultura Digital como algo completamente novo, cujo desenvolvimento é exclusivamente determinado pelos avanços tecnológicos, nos levaria a uma perspectiva essencialmente determinista.

Uma perspectiva determinista é uma visão filosófica que sustenta que todos os eventos, incluindo ações humanas, são determinados por causas anteriores e, portanto, inevitáveis. Em outras palavras, o determinismo argumenta que os eventos futuros são previsíveis com base nas condições e causas presentes. Essa perspectiva implica a ausência de livre arbítrio ou escolha genuína, pois todos os acontecimentos são vistos como resultantes de forças causais que estão além do controle individual.

No contexto da Cultura Digital o teórico Marshall Mc Luhan, em seu livro *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, publicado em 1970, afirma que uma visão determinista sugeriria que o desenvolvimento da Cultura Digital é totalmente predestinado pelos avanços tecnológicos, sem considerar influências ou contribuições independentes de fatores culturais, sociais ou individuais.

Seria mais apropriado sugerir, portanto, que a cultura digital é responsável por gerar a tecnologia digital, e não o contrário (GERE, 2008, p. 17). Isso está alinhado com a observação de Gere (2008) ao dizer que a máquina é sempre social antes de ser técnica. Há sempre uma máquina social que seleciona ou atribui os elementos técnicos utilizados (GERE, 2008, p. 17). Portanto, a dimensão digital não se limita apenas aos efeitos e potencialidades de uma tecnologia específica, mas engloba modos de pensamento e a execução de atividades que são incorporadas por essa tecnologia, possibilitando a sua existência.

Segundo Gere (2008), a Cultura Digital é um fenômeno que se manifestou de maneira contingente ao longo da história, inicialmente como resposta às demandas do capitalismo moderno e, posteriormente, integrada à oposição à guerra. No entanto, a tecnologia digital representa apenas uma entre diversas influências que contribuíram para a formação da Cultura Digital. De acordo com as observações de Gere (2008), essas influências incluem discursos tecno científicos, práticas artísticas de vanguarda, a utopia contracultural, a Teoria Crítica e

subculturas como a punk.

Na verdade, durante o período da Segunda Guerra Mundial, o modelo binário da computação começou a se configurar na forma digital que conhecemos hoje. Esse período não apenas testemunhou a invenção dos sistemas binários precursora da tecnologia digital dos computadores, mas também foi fundamental para o desenvolvimento de várias teorias, incluindo a Cibernética, a Teoria da Informação, a Biologia Molecular e a Inteligência Artificial. A esse respeito Gere (2008), ressalta que:

> [...] embora cada uma dessas teorias tenha exercido influência em diferentes campos e contextos, juntas elas representam o paradigma predominante do pensamento científico e tecnológico do período pós-guerra. Embora não tenham determinado nem sido determinadas pela invenção e uso dos computadores, esse conjunto de teorias estava integrado em um mesmo contexto intelectual. (GERE, 2008, p. 51).

Um conceito Cultura Digital estabelece conexões com outros termos, como Cibercultura de Lévy, (1997) e Era da Informação ou Era Digital de Castells, (1999). Cada um desses conceitos foi elaborado para marcar o período em que as interações humanas são amplamente mediadas por dispositivos digitais. Dessa forma, a Cultura Digital implica a presença de interatividade, interconexão e inter-relação entre seres humanos, informações e máquinas. A comunicação, predominantemente conduzida por tecnologias digitais, propiciou o surgimento da expressão "Cultura Digital", pois representa algo que nos envolve de maneira semelhante à atmosfera, sendo uma participação ativa como produtores, consumidores e disseminadores. Essa atmosfera mencionada anteriormente seria o Ciberespaço como apontado Lévy (2011) em sua obra *As tecnologias da Inteligência*. Portanto, essa cultura integra-se à vida cotidiana, adentra residências e influencia as relações que estabelecemos com o mundo, tanto em sua dimensão material quanto simbólica.

Ao contemplar a Cultura Digital, estamos examinando uma modalidade de produção e os modos pelos quais o digital tem sido associado a determinados significados culturais. Em outras palavras, para compreender o conjunto de práticas que envolvem indivíduos e tecnologias digitais, é necessário conferir significados a essas práticas. Diversos estudiosos afirmam que todas as práticas sociais são, essencialmente, práticas de significação, tornando-as fundamentalmente culturais (DU GAY, 1997, p. 2). Nessa discussão, é relevante recorrer à noção central de Williams (1975) de que a cultura é material, sugerindo que a cultura não se limita apenas à maneira como vivemos nossas vidas, mas constitui a própria vida. Desse modo, as tecnologias digitais não apenas influenciam as formas pelas quais percebemos e experienciamos o mundo, mas também produzem e são, por si só, produtos da sociedade em

que estamos inseridos.

1.1 Diálogos sobre Tecnologia Digital e ensino escolar

A intricada natureza das interações na sociedade contemporânea, aliada à atual reconfiguração da realidade, promove transformações significativas na área educacional. Isso resulta em adaptações, reconstruções e reflexões no campo da educação. Conforme destacado por Almeida (1988), essa dinâmica é impulsionada pela presença das tecnologias, que revelam fragilidades, mudanças e contradições inerentes a uma nova configuração nas relações educacionais. Essas transformações abrangem aspectos político-culturais, socioeconômicos, ideológicos e pedagógicos.

É viável considerar que uma das responsabilidades das instituições educacionais, como as escolas, é familiarizar os alunos com a realidade tecnológica, desempenhando o papel de um centro de alfabetização digital. Isso é particularmente crucial, uma vez que muitos estudantes não têm acesso às tecnologias, principalmente devido às suas condições sociais e econômicas. Diante da disparidade na sociedade quanto à acessibilidade e ao conhecimento das tecnologias disponíveis, para além da questão social e econômica, há ainda um fator geracional. Diversos autores sustentam a distinção entre nativos digitais e imigrantes digitais Prensky (2001), Palfrey (2001), Gasser (2011), Braga (2013), Franco (2013).

De acordo com os estudiosos, os nativos digitais referem-se à geração mais jovem que cresceu imersa nas Tecnologias digitais utilizando-as de forma constante. Esses indivíduos possuem habilidades quase que inatas e estão familiarizados com diversos aspectos relacionados ao uso dessas tecnologias, seja para estabelecer relacionamentos, comunicações, busca de informações, aprendizado, compartilhamento de ideias ou aspectos relacionados às suas vidas. Em contraste, Prensky (2001) e Mattar (2014, p. 4) introduzem a concepção de imigrantes digitais como aqueles que não nasceram na era tecnológica, mas que migraram para o ambiente digital e tecnológico.

Diversos estudantes fazem parte de uma realidade digital, integrados a uma sociedade altamente tecnológica em que as Tecnologias digitais desempenham um papel fundamental na vida cotidiana e nas operações das organizações. Contudo, é importante ressaltar que essa realidade não se estende a todos os educandos, já que nem todos possuem dispositivos tecnológicos, há quem nunca teve acesso ao mundo digital. Essa disparidade, como mencionado anteriormente, está relacionada às condições financeiras, sociais que se somam em alguns casos a um fator geracional.

Diante das características da sociedade contemporânea, é evidente que muitos alunos, incluindo crianças e jovens, possuem mais habilidades para lidar com as tecnologias atuais do que muitos educadores migrantes digitais. No entanto, mesmo com o aumento notável e a popularização do acesso às tecnologias, persistem disparidades entre as classes sociais e as oportunidades de inserção no universo tecnológico. Diante desse cenário, a escola se depara com a necessidade de buscar estratégias para integrar e facilitar o acesso dos menos privilegiados ao meio digital. Isso implica em incorporar tecnologias, reformular métodos, e aplicar as Tecnologias Digitais como parte integrante da prática pedagógica, possibilitando, assim, que os alunos se expressem e se familiarizem com esse novo mundo.

De maneira geral, as instituições educacionais necessitam antecipar-se a essa situação em que as inovações tecnológicas, aliadas a transformações de paradigmas mais abrangentes, têm o potencial de alterar a dinâmica do processo de ensino e aprendizado. É crucial alocar a tecnologia de forma significativa, incorporando-a à transformação estrutural das práticas educativas, de modo a capacitar educadores e alunos a abordarem cada tema de estudo de maneira mais relevante e contextualizada.

Corroborando com Kenski (2010), a convergência das tecnologias de informação e comunicação rumo à formação de uma nova tecnologia, a digital, desencadeou transformações profundas. Em contrapartida, Rivero (2004) destaca que, na contemporaneidade, ocorrem mudanças velozes nos setores econômico, cultural e político, assim como, naturalmente, nas tecnologias. Leite (2011), afirma que

> as transformações tecnológicas estão desafiando as concepções tradicionais, suscitando questionamentos sobre a natureza da escola e o papel que ela desempenha na sociedade. Tanto a sociedade quanto as tecnologias também redefinem o papel do professor nesse contexto pós-moderno, onde ele já não é mais visto como o detentor exclusivo da verdade ou do conhecimento. Há uma necessidade premente de reinterpretação e atualização, buscando aprimoramento e preparação. Isso ocorre porque, na sociedade tecnológica, a internet desempenha uma função crucial e eficaz em muitas situações, embora não seja completamente substituível. O educador precisa estar ciente dessa dinâmica. (LEITE 2011, p. 64).

Neste contexto, conforme observado por Fantin (2006), diante da situação atual em que a escola se encontra, torna-se necessário que a instituição adote atitudes críticas e desenvolva a habilidade de criar e comunicar de maneira expressiva. A partir desse enfoque, tanto educadores quanto educandos terão a capacidade de interagir de maneira significativa, engajando-se na produção e reflexão crítica sobre os dispositivos tecnológicos. No que concerne às tecnologias digitais e sua aplicação nos ambientes educacionais e na prática pedagógica, especialistas compartilham concepções e perspectivas complementares acerca de sua definição, utilização e

função. Kenski (2003) assegura que:

> As novas tecnologias orientam para o uso de uma proposta diferente de ensino, com possibilidades que apenas começamos a visualizar. Não se trata, portanto, de adaptar as formas tradicionais de ensino aos novos equipamentos ou vice-versa. Novas tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam. (KENSKI 2003, p. 75).

Bueno (2001), destaca que:

> As transformações tecnológicas em vários setores da sociedade proporcionam uma variedade de ferramentas que promovem melhorias na qualidade de produtos e serviços, ao mesmo tempo em que demandam o surgimento de novas competências profissionais e a obsolescência de outras. Isso evidencia a necessidade de inovar tanto nas metodologias quanto no perfil dos indivíduos envolvidos nesse novo contexto. (BUENO 2001, p. 1).

Considerando o que foi apresentado, surge a questão: qual é a definição de mediação pedagógica? Para abordar essa pergunta, Masetto (2013), declara que:

> Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte "rolante", que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. (MASETTO 2013, p. 144).

Assim, a mediação pedagógica envolve as atitudes do educador, sua abordagem ao ensinar um conteúdo e sua forma de interação, comunicação e relacionamento com os estudantes. Ao tentar esclarecer o significado da mediação pedagógica e seus objetivos, Perez e Castillo (1999), afirmam que a mediação pedagógica busca estabelecer novas relações para o estudante: com materiais, com o contexto em si, com outros textos, com seus colegas de aprendizado incluindo o professor, consigo mesmo e com seu futuro.

Ao longo dos tempos, para além dos livros, outras tecnologias foram integradas à nossa rotina diária, como o fax, o rádio e o telefone fixo. Contudo, com o avanço tecnológico, esses dispositivos tornaram-se obsoletos, sendo substituídos por aparelhos mais contemporâneos, tais como o telefone celular e os computadores portáteis, como tablets e notebooks, bem como uma variedade de outros dispositivos que são introduzidos e atualizados de forma extremamente rápida.

A internet representa uma ferramenta que trouxe uma transformação completa nos métodos de pesquisa, especialmente no âmbito educacional. Entretanto, apesar de toda essa

tecnologia disponível, Masetto (2013) não apenas advoga a favor da utilização da internet como uma ferramenta de estudo mais avançada, mas também sustenta que recursos como listas de discussão, TVs, mídia digital (CDs e DVDs), que perderam relevância diante de tantas outras tecnologias, juntamente com o correio eletrônico, teleconferências, hipermídia, hipertextos e uma variedade de outros recursos, ainda podem ser considerados eficazes para a prática pedagógica.

Conforme Behrens (2010), no contexto da prática pedagógica, é essencial concentrar-se no processo de aprendizagem e superar a mera reprodução, direcionando o esforço para a produção efetiva de conhecimento. Com base em um paradigma pedagógico emergente, Behrens sugere que as inovações digitais e tecnológicas têm potencial para serem incorporadas de diversas maneiras no ambiente educacional. Isso inclui a promoção da pesquisa coletiva e individual, a apresentação de conteúdos de forma dinâmica, atrativa e interativa, combinando elementos visuais e textuais. Além disso, destaca a importância de tutoriais, exercícios de fixação, simulações, gamificação, uso de aplicativos, bem como programas que facilitem a edição de textos e a formação de grupos para debates e discussões.

Tajra (2012) pondera sobre a tecnologia, destacando que esta não se limita apenas aos instrumentos e recursos disponíveis, mas abrange também a forma de comunicação. Segundo o autor, a criação de algo inovador surge da necessidade da sociedade em se transformar, impulsionada por novos meios de se relacionar com o mundo.

No contexto das mudanças, as Tecnologias digitais alteraram as dinâmicas das interações sociais e ampliaram as oportunidades de acesso a informações para além do ambiente da sala de aula. No entanto, também levantaram considerações relevantes acerca dos novos métodos de ensino e aprendizagem que estão emergindo a partir da interação entre o ambiente virtual e o mundo real.

No âmbito educacional, em meio a todo o progresso tecnológico, surgem concepções equivocadas sobre a possibilidade de a tecnologia substituir completamente o papel do professor. Essas ideias sugerem que, com o avanço da tecnologia, a presença do educador torna-se dispensável para obter acesso a informações e instruções. Tajra, (2012) ressalta que:

> O início da implementação da Tecnologia Educacional adotou uma abordagem predominantemente tecnicista, priorizando a utilização específica do dispositivo sem uma avaliação efetiva de seu impacto nos domínios cognitivo e social. Inicialmente, a Tecnologia Educacional era identificada pela capacidade de empregar instrumentos com o objetivo de otimizar os recursos humanos e, de maneira mais abrangente, a prática educativa (TAJRA, 2012, p. 39).

Lévy (2003) elabora três hipóteses para a categorização do conhecimento, denominadas "Tecnologias Inteligentes", as quais compreendem os estilos orais, escritos e digitais presentes em nossa sociedade, todos capazes de transmitir intenções comunicativas. Em relação à linguagem digital, a tecnologia digital tem viabilizado uma maior interação no contexto do ensino e aprendizagem em uma sociedade tecnológica, que Lévy (1993) denomina de sociedade cibercultura.

A conexão entre sociedade e comunicação deixou de se basear em um único momento e local. Atualmente, a produção de conhecimento resulta de inteligências coletivas interligadas por uma rede de saberes. Diante desse cenário, os professores enfrentam o desafio de reconstruir suas práticas e introduzir inovações, procurando oportunidades para mediar o processo de ensino e aprendizagem.

Silva (2007) argumenta que os educadores contemporâneos devem se posicionar como desafiadores de problemas, questionadores e, acima de tudo, proporcionadores de experiências. Moran (2006) salienta que essa concepção abrange também a capacitação e preparação dos professores diante das novas tecnologias. Os docentes precisam adquirir habilidades para utilizar de forma inovadora, equilibrada e autonomamente as tecnologias direcionadas ao ensino.

O teórico Gabriel (2013), argumenta que, em uma revolução tecnológica, o ponto crucial não é a tecnologia em si, mas sim o que pode ser realizado com ela e como pode ser aproveitada para melhorar nossas vidas. Para ampliar o conceito de tecnologias no contexto escolar, é necessário reexaminar alguns conceitos e aspectos educacionais. Conforme Moran (2000), ensino e educação são conceitos distintos. O ensino é a organização de atividades didáticas para que os alunos compreendam diversas áreas específicas do conhecimento, enquanto educar é colaborar para integrar os alunos em todas as esferas da vida, ajudando-os a trilhar caminhos intelectuais, emocionais e profissionais. O autor destaca que os professores enfrentam o desafio não apenas de ensinar, mas também de educar, garantindo que a aprendizagem ocorra de maneira eficaz e com qualidade na compreensão de diversas áreas.

A mediação desempenha um papel crucial ao estimular a participação, o envolvimento, o respeito pelo próximo durante o processo de aprendizagem, contribuindo para o amadurecimento intelectual e emocional do aluno. Essa abordagem proporciona a introdução de novos conceitos para o desenvolvimento das capacidades formativas. A respeito da mediação pedagógica na contemporaneidade Maseto (2013) afirma que

> a mediação pedagógica implica em: (a) promover o diálogo entre as experiências do

> professor e do aluno; (b) orientar o professor na solução de dúvidas e preocupações dos alunos; (c) incentivar a reflexão sobre a interação entre os conteúdos e as experiências do aluno; (d) motivar o professor a desafiar o aluno com questões éticas, sociais e, por vezes, conflituosas; e (e) colaborar para que o aluno desenvolva a habilidade de buscar conhecimento por meio de novas tecnologias. (MASETO, 2013, p. 85).

Corroborando com o autor acima, Molon (2000), afirma que a mediação envolve um processo amplo, não sendo a ação em si, nem contra a ação, mas a própria relação em questão. Esse processo abrange diferentes ocasiões, instrumentos, signos e formas semióticas. Não requer obrigatoriamente a presença física do outro, uma vez que não é a corporeidade que estabelece a relação social indireta. Ademais, trata-se de um processo de significação que possibilita a interação e comunicação entre as pessoas, facilitando a transição do todo para as partes e vice-versa. Diariamente, na sala de aula, ocorre uma troca simultânea de conversas, controvérsias, hipóteses e ideias entre alunos e professores.

Em se tratando de mediação pedagógica mesmo na atualidade com a mídias digitais vale lembrar dos argumentos de Paulo Freire quando destaca que para que a mediação pedagógica se concretize, é essencial um processo de interação e diálogo no qual professor e aluno participam simultaneamente do aprendizado e do ensino, em uma colaboração conjunta. Isso porque, conforme Freire (1997) quem ensina também aprende ao instruir, e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1997, p. 25). Sendo assim, compreende-se então que a aprendizagem não ocorre de maneira automática, aqueles envolvidos nesse processo desempenham um papel essencial para viabilizar a ocorrência da aprendizagem.

Num primeiro momento, existia uma perspectiva tradicional que sugeria que a implementação da tecnologia digital no âmbito educacional poderia substituir os professores. Contudo, a tecnologia digital surge como uma ferramenta para facilitar a disseminação do conhecimento, possibilitando aos educadores melhorarem o processo de ensino e aprendizagem. Kenski (2003) abordou a relação entre o avanço tecnológico e o progresso humano da seguinte forma:

> O progresso tecnológico orientou o avanço humano desde o armazenamento fluido de narrativas orais até a interação com as memórias tecnológicas registradas nos dispositivos eletrônicos mais avançados. A tecnologia contemporânea reconfigura de maneira ainda mais significativa a consciência e a memória, estabelecendo uma nova ordem em nossas formas de compreender e interagir com o mundo (KENSKI, 2003, p. 56).

Quando um educador adquire a habilidade de compartilhar e experimentar, ele verdadeiramente instruirá. Ao integrar experiências passadas com o presente, cultivamos o

aprendizado com um olhar voltado para o futuro. Na formação de professores e alunos, o conhecimento desempenha um papel essencial em todo o processo educacional, uma vez que este é um fenômeno social intrínseco a cada cultura, com suas próprias normas, tradições e leis. Para que isso ocorra de maneira eficaz, é crucial contar com profissionais que possuam maturidade intelectual, emocional e habilidades comunicativas para facilitar o processo de aprendizagem.

Sob essa ótica, é relevante destacar que as tecnologias digitais, com suas complexidades, demandam que o professor esteja constantemente atualizado, qualificado e capacitado. Porto (2012), afirma que ao familiarizar-se com a ferramenta, o educador experimenta novas perspectivas diante das potencialidades tecnológicas. Segundo o autor

> As ferramentas tecnológicas propiciam aprendizagem e comunicação, e por meio da mediação do sujeito com ele próprio, do sujeito com outros sujeitos, instituições e serviços e do sujeito com a enorme potencialidade que a ferramenta e os aplicativos lhe oferecem independentemente do tempo e do espaço, onde estejam inseridas. (PORTO 2012, p. 169).

Segundo Masetto (2013), ao assumir o papel de mediador pedagógico, o professor realiza as seguintes ações: prioriza a aprendizagem do aluno, centralizando-o no processo educacional; orienta a aprendizagem por meio de ações colaborativas com os estudantes, estabelecendo uma parceria e corresponsabilidade; demonstra respeito às faixas etárias dos alunos; possui profundo domínio em sua área de conhecimento; adota uma postura aberta ao diálogo; comunica-se e expressa-se de maneira que estimula a aprendizagem do aluno; é necessário que o professor seja criativo e atue como um ser humano com suas próprias ideias e individualidade.

Segundo Lévy (2011) em sua obra *O que é virtual?* As tecnologias digitais têm o potencial de contribuir para o progresso da sociedade, aprimorando a capacidade das pessoas. Isso ocorre porque esses dispositivos, que facilitam o acesso à informação, tornam-se acessíveis e podem ser facilmente reproduzidos ou compartilhados com outras pessoas, ampliando ainda mais a inteligência coletiva da população como um todo.

A escola anteriormente era um ambiente mais controlado e protegido da avalanche de informações. Na sociedade contemporânea, a Internet representa uma oposição a esse modelo de controle sobre a produção e a determinação do que será ensinado. Nesse contexto, foram desenvolvidas ferramentas técnicas que superaram alguns obstáculos, ampliando o conhecimento dos alunos e criando oportunidades para a distribuição de conteúdo. Essa alteração provocou uma adaptação na maneira como os professores e alunos se posicionam e

se relacionam com o diluvio de informações e conhecimentos do mundo digital.

Para Libâneo (2013), a melhoria na qualidade da educação está diretamente relacionada à incorporação das tecnologias digitais. Além disso, o processo de aprendizagem na escola deve promover a construção de significados pelos estudantes que estejam conectados à cultura digital.

Ao interpretar a fala de Libâneo, nota se uma preocupação no que tange as tecnologias digitais nos espaços educativos ao dizer que a formação cultural básica é a base para a formação tecnológica (LIBÂNEO, 2013, p. 67). Segundo o autor, a formação dos professores é impactada pela inovação tecnológica, que motiva os educadores a buscarem novas abordagens de ensino. Essa busca por compreensão, em um processo de crítica construtiva, delineia a relação entre professor e aluno. Para Fantim, (2012) essa discussão implica na construção de conhecimento por meio da análise de experiências e do trabalho em projetos. A expansão do conhecimento, nesse contexto, revela uma compreensão mais profunda do mundo e das interações entre os sujeitos.

De acordo com Masetto (2013), a mediação pedagógica abrange o uso, por parte do professor, de tecnologias digitais com o intuito de mudar o processo de aprendizado. Os educadores devem empregar esse método como forma de estimular seus alunos a alcançarem seus objetivos. Conforme Moran (2013), a incorporação das tecnologias digitais pode propiciar ao aluno uma experiência de aprendizado mais dinâmica, resultando em uma transformação expressiva no contexto escolar. Isso ocorre frequentemente devido à maneira como a tecnologia é empregada nas instituições educacionais, muitas vezes limitada a visitas a laboratórios de informática ou à visualização de vídeos. Portanto, torna-se essencial que o professor passe por um processo de reconfiguração, adquira as habilidades necessárias e desenvolva métodos inovadores para o ensino.

Ao pensar o inserção das tecnologias digitais no ambiente escolar, Porto (2012) explicita que a integração do ensino com o uso de tecnologias demanda uma atualização constante por parte do profissional de ensino, sendo fundamental que essa formação seja contínua. Para que a utilização de tecnologias digitais resulte em aprendizado efetivo, é imprescindível capacitar os professores para desenvolverem os conteúdos, possibilitando que os alunos tenham uma abordagem reflexiva e ativa em relação ao material. Corroborando com Lévy (1997), compreende-se que, para manter um processo contínuo de aplicação de diversas formas de configuração dinâmica no ensino, é necessário que os professores façam uso constante das tecnologias digitais em sala de aula.

1.2 Vantagens e desvantagens do uso da tecnologia digital no âmbito escolar

Diversas modernizações foram introduzidas nas salas de aula, visando mudar a eficácia do processo de ensino. Vandresen (2011) afirma que os progressos tecnológicos têm o poder de alterar o comportamento humano, influenciando, por conseguinte, a maneira como as pessoas percebem o mundo. As tecnologias digitais têm modificado significativamente os padrões de comunicação, visto que, em épocas anteriores, as interações exigiam deslocamento físico. Atualmente, graças aos avanços tecnológicos e às plataformas de mídia virtual, é possível estabelecer comunicação rápida e fácil com indivíduos de todo o mundo. Sob essa ótica, o autor destaca que:

> Os progressos tecnológicos que influenciam o cotidiano das pessoas não se restringem apenas à adoção de novos dispositivos ou produtos. Eles têm um impacto fundamental na modificação de comportamentos, provocando alterações na percepção do mundo circundante, nos padrões de comunicação e na maneira de produzir e adquirir conhecimentos (VANDRESEN, 2011, p. 12657).

Conforme Moran (2013), as tecnologias de informação no contexto educacional não significam a substituição da figura do professor, mas sim mais uma colaboração no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Em meio à abundância de fontes de informação, cabe ao professor conferir significado a essas informações. Portanto, o papel do educador não se resume à busca de dados e conhecimentos, mas implica na compreensão do conteúdo pesquisado para, posteriormente, utilizá-lo como referência. Diante desse cenário, a tecnologia proporciona diversas oportunidades ao educador. Nesse sentido, Moran (203) afirma que:

> As tecnologias de comunicação não substituem o professor, mas modificam algumas das suas funções. A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar, a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados dos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria o conhecimento com ética. (MORAN, 2009, p. 25).

Não é suficiente a escola simplesmente ter acesso à tecnologia digital; é necessário que o ambiente escolar esteja disposto e preparado para adaptar e inovar suas estratégias de ensino para os alunos. Atualmente as crianças têm diversas oportunidades de acesso às tecnologias digitais. Consequentemente, de forma geral, os perfis dos alunos passaram por modificações, indicando que muitas crianças ingressam na educação básica com um nível de informações

consideravelmente maior em comparação com os alunos de cerca de duas décadas atrás. Essa afirmação é fundamentada por Vandresen (2011) ao ressaltar o perfil do estudante na contemporaneidade:

> [...] crianças que nascem e crescem em meio a essas tecnologias, manuseando, desde muito cedo, videogames, Internet, celular, MP3, MP4, MP5... IPOD, tablets. Esse convívio gera sujeitos que se caracterizam por receberem informações muito rápido, por utilizarem acessos randômicos como hipertextos e funcionarem melhor na e em rede. Crianças, adolescentes e jovens que frequentam os bancos de nossas escolas e universidades. Fazem parte do sistema educacional e constituem a denominada geração multitarefa, ou seja, veem TV, ouvem música, usam o notebook, teclam o celular, tudo ao mesmo tempo [...] (VANDRESEN, 2011).

As crianças têm acesso rápido a novas informações e conhecimentos por meio da tecnologia digital. Devido à disponibilidade de mídias e dispositivos acessíveis, elas utilizam simultaneamente diversas inovações, tais como celular, notebook, tablet, entre outros. A maioria das crianças não demonstra receio ou desconfiança ao utilizar tecnologias e mídias digitais; pelo contrário, exploram diversos aplicativos e programas novos, manipulando e aprendendo. Conforme Vandresen (2011) eles

> Não se intimidam frente a um novo aplicativo, pois gostam de experimentá-los; são blogueiros, navegantes da rede. Crianças e jovens que interagem, via rede, com os mais diversos produtos, lugares e pessoas. Vivem a rede, compartilham na rede, se conhecem via rede, vivenciam a chamada Web 2.0. (VANDRESEN, 2011, p. 12658)

Portanto, é crucial que a escola se ajuste para atender às necessidades de todos os tipos de alunos. Assim como a sociedade e os estudantes, a escola deve se renovar para desempenhar eficazmente seu papel como ambiente de aprendizado e compartilhamento de conhecimentos. O ambiente escolar enfrenta constantes desafios, reforçando a importância de estar constantemente em um processo de transformação para se adequar as novas demandas. De acordo com Pinto (2004):

> A escola deve estar predisposta a aceitar, sem dramas, os desafios de modernidade que continuamente se lhe deparam predisposição essa mais do que nunca necessária porquanto ‘é hoje universalmente aceite a ideia de que uma sociedade em mutação permanente só pode aceitar uma escola em mutação também permanente’. (PINTO, 2004, p. 14).

Contudo, para além da inovação por parte da escola e da disponibilização de tecnologias digitais, é necessário que os professores recebam formação de qualidade para utilizar eficazmente as tecnologias digitais oferecidas no ambiente escolar. Um dos desafios

enfrentados no cenário educacional em relação às tecnologias digitais é que a maioria dos educadores carece de preparo e motivação para incorporar essas ferramentas em suas práticas de ensino. É fundamental que os professores demonstrem abertura para adquirir conhecimento sobre as tecnologias digitais, aprendendo a utilizá-las e compreendendo as inovações tecnológicas como possíveis recursos pedagógicos que contribuem para a prática educativa. Quanto à relevância de integrar as tecnologias no ambiente escolar, Bacich, Neto, Trevisani, (2015) explicitam

> É preciso inserir esses meios na educação de forma criativa e dinâmica, proporcionando ao aluno uma forma mais ampla de formação, vendo que a convivência com as novas tecnologias vem sendo trabalhada diariamente no meio em que vivem essas pessoas. Percebe-se então que essas tecnologias já vêm sendo trabalhadas no âmbito escolar, e os professores já estão utilizando dessas ferramenta para deixar suas aulas mais dinâmicas e menos orais. Portanto terá mais participações e interação dos alunos nas aulas, pois o ambiente virtual traz mais competência, e proporciona uma relação do indivíduo com as mídias digitais. (Bacich, Neto, Trevisani, 2015, p. 337).

Devido à dificuldade que muitos professores enfrentam ao utilizar tecnologias, alguns continuam conferindo exclusividade aos recursos convencionais como quadro negro e livro didático. A realidade das escolas impõe desafios na adoção de novas tecnologias, como a falta de recurso, técnicos e formação específica aos docentes e dos próprios gestores da escola. É preciso superar em muito a mentalidade do uso de tecnologias no espaço escolar, caso contrário se repetirá a mesma lógica da criação dos laboratórios de informática, que em muitas instituições de ensino se tornaram obsoletos antes mesmo do uso efetivamente do espaço com suas máquinas.

Quando a tecnologia é integrada ao processo educacional, ela proporciona diversos benefícios tanto para os alunos quanto para os professores. Além de facilitar o fluxo natural da aprendizagem dos alunos, o papel do professor evolui para o de mediador, deixando de ser apenas transmissor de conhecimento. Ao assumir o papel de mediador, o professor orienta os alunos e abre um leque de possibilidades, incentivando a pesquisa e busca ativa de conhecimento pelos estudantes. Sobre as ferramentas e tecnologias, Vandresen (2011) deixa claro que

> [...] podem ser usadas no contexto educativo, bastando para isso que o professor se aproprie de suas funções e se disponha a usá-las, como aliadas de sua práxis. Nesse contexto, em que a comunicação e interação professor-aluno fluem mais facilmente, o professor “deixa de ser o detentor do saber e transmissor de conteúdos, passando a ser o facilitador, aquele que estimula nos alunos a cultura de produzir e debater ideias.” (VANDRESEN, 2011, p. 12661).

Além disso, com a introdução das tecnologias na sala de aula, o processo de aprendizagem adquire um significado mais profundo, afastando-se da abordagem tradicional e monótona. Dessa forma, as aulas se tornam estimulantes, despertando o interesse dos alunos em aprender e explorar conhecimentos, resultando, consequentemente, em desempenho satisfatório tanto para os professores quanto para os estudantes.

Entende-se que ao fazer uso das tecnologias, alunos e professores participam de um aprendizado conjunto. Santos (2008), afirma que as tecnologias digitais permitem a variedade de atividades propostas, alterações nas metodologias e na seleção de recursos, gerando novos contextos que facilitam o processo de aprendizagem. Elas têm o poder de tornar a escola mais atrativa, atual e alinhada com a era contemporânea da informação e comunicação, conhecida como a era da geração multimídia.

O estudante precisa estar preparado para ingressar no mercado de trabalho e participar efetivamente da sociedade. Embora a escola desempenhe um papel crucial nesse processo de preparação, o desenvolvimento do aluno não se limita ao ambiente escolar. Uma das responsabilidades da escola é proporcionar ao estudante conhecimentos que o capacitem a utilizar tecnologias e a se integrar ao meio digital. Isso é fundamental para que, após deixar a escola, o aluno seja capaz de empregar de maneira autônoma as tecnologias em seu trabalho e vida cotidiana, de maneira educativa. Em resumo, a inclusão digital não se resume apenas ao acesso às tecnologias, mas também exige que o aluno tenha a capacidade de utilizá-las como ferramentas para adquirir conhecimento e, por conseguinte, promover seu desenvolvimento.

Na sala de aula, diversas tecnologias podem ser empregadas, como exemplificado por Jardim e Cecílio (2013), tais como: Web com plataforma; Redes sociais; Blogs; Podcast; Webquest; Ferramentas online; TV Pendrive; E-mail; Comunicadores; Produção audiovisual; Fotolog; Processador de textos e Jogos, entre outros. Essas ferramentas promovem uma interação mais eficaz entre professor e aluno, estimulando o interesse dos alunos e os tornando mais participativos, colaborativos e dotados de opinião crítica. É importante ressaltar que a tecnologia, por si só, não é suficiente para transformar a educação; no entanto, com o comprometimento, a dedicação e a disposição por parte do professor, é possível desencadear mudanças significativas. Além disso, é fundamental que o professor capacite seus alunos a utilizarem a internet de maneira responsável, fazendo pesquisas em fontes confiáveis, explorando jogos e outros elementos que influenciam tanto no aprendizado teórico quanto prático, sempre conectando esses recursos à realidade.

Para examinar e entender os aspectos positivos e negativos das Tecnologias Digitais na

esfera educacional, este estudo adotou uma abordagem descritiva e bibliográfica, utilizando análise qualitativa. A seguir, serão destacados alguns benefícios do uso das tecnologias digitais nos espaços educativos. Nessa perspectiva, Moran (2013) afirma que as tecnologias viabilizam que os professores apresentem o mesmo conteúdo ou tema de maneiras diversas na sala de aula, reconhecendo a diversidade de estilos de aprendizado entre os alunos e adaptando o ensino para garantir que todos compreendam o conhecimento. Além disso, ao incorporar inovações tecnológicas, os professores despertam o interesse dos alunos em aprender e buscar conhecimento, explorando diversas opções de pesquisa.

Moran (2013) segue afirmando que através das tecnologias digitais, os professores podem criar oportunidades para os alunos conduzirem pesquisas e, posteriormente, compartilharem os conhecimentos adquiridos e os resultados, fomentando a interação entre os alunos e promovendo a aprendizagem cooperativa. A tecnologia representa uma ferramenta acessível para buscar conhecimento e informações de maneira rápida, sofisticada e aprimorada. Nesse sentido, pode-se afirmar também que o progresso tecnológico permite que os indivíduos, por meio do ambiente virtual, conheçam outras realidades, comunidades, contextos, culturas e diferentes modos de vida de outros espaços e temporalidades.

No entanto, assim como qualquer objeto, as tecnologias digitais também apresentam aspectos desfavoráveis como apontam Jardim e Cecílio (2013). O professor desempenhando o papel de mediador no processo de pesquisa dos alunos, deve estar atento aos instrumentos utilizados pelos estudantes para garantir que busquem e pesquisem informações relevantes ao conteúdo da sala de aula. Nesse sentido, jardim e Cecílio (2013) destacam que alguns educadores enfrentam dificuldades ao utilizar tecnologias devido à falta de formação e capacitação para incorporar essas inovações na sala de aula. Além disso, alguns professores têm dúvidas e receios quanto ao uso das tecnologias, temendo que as inovações possam substituir seu papel no ambiente escolar.

Outra questão Pontada pelos autores é a dificuldade de alguns professores em equilibrar o uso de tecnologias virtuais com os materiais pedagógicos tradicionalmente utilizados na sala de aula, evidenciando desafios no planejamento e na reorganização da prática pedagógica para incluir as tecnologias digitais. Alguns professores acreditam que ao incorporar tecnologias, perderão o controle sobre a situação de aprendizagem dos alunos, uma vez que, por meio da internet, estes podem acessar uma grande quantidade de informações.

Contudo, vale ressaltar que uma das mais sérias problemáticas apontada por Jardim e Cecílio (2013), é a exclusão digital. Em determinados locais, alguns alunos ainda não têm acesso a tecnologias, o que os prejudica em relação aos colegas no processo de ensino e

aprendizagem, pois ficam limitados na busca por informações e conhecimentos novos.

Assim, observa-se que a tecnologia exerce impactos tanto positivos quanto negativos no ambiente escolar. Portanto, torna-se crucial que o professor saiba agir e empregar as tecnologias de maneira apropriada, proporcionando aos alunos momentos de aprendizado significativos e contribuindo para seu desenvolvimento profissional e social. Além disso, o uso das tecnologias permite que os alunos aprendam de maneira diversificada e lúdica, estimulando o interesse contínuo pelo aprendizado.

CAPÍTULO II - HISTÓRIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS SINGULARIDADES NO CEPI MATILDE MARGON VAZ

Existem diversas formas de contar uma história e cada uma delas pode ser permeada de desafios. O objetivo desse capítulo é refletir sobre percursos que marcaram a história de uma escola localizada na cidade de Catalão-GO há mais de 40 anos. Nessas décadas de existência muitas pessoas passaram e deixaram vestígios e memórias ainda latentes na instituição. A referida Unidade escolar foi nomeada recentemente de *Centro de Ensino em Período Integral Matilde Margon Vaz*, porém é mais conhecida como *Instituto de Educação Matilde Margon Vaz*.

A partir da Portaria de número 3687 de 01 de agosto de 2022, encaminhada pela Secretaria da Educação do Estado de Goiás, a unidade, além de ter sido renomeada, mudou sua forma de atendimento ao público, deixando de ser uma escola de período parcial para atender os estudantes em tempo integral. Esse fato mudou não somente a realidade dos estudantes, mas afetou toda a organização em relação a modulação dos professores e demais profissionais do grupo. Muitos profissionais atuavam há mais de vinte anos na instituição e, por motivos pessoais ou profissionais, após a portaria, tiveram que procurar outra unidade escolar para trabalhar.

Parte desses profissionais atuava na rede estadual e na rede de educação municipal, por isso a mudança tornou inviável para a permanência na unidade que passaria a atender os alunos das 7 h 30 min às 17 h. Outros profissionais optaram por serem modulados em outra instituição por motivos pessoais. Em relação aos público atendido, a escola que, anteriormente era responsável por turmas correspondentes desde o Ensino Fundamental I e II (atualmente denominados anos iniciais e finais) e Ensino Médio, passou a trabalhar apenas com os estudantes que cursam os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. No período da implantação do CEPI as vagas nas turmas referentes ao 4º, 5º, 6º e 7º anos não foram mais oferecidas e os alunos tiveram que buscar outras escolas. Enquanto escrevo a presente dissertação, há uma propostas em discussão sobre a retomada da oferta das turmas de 6º e 7º anos na escola, a partir de 2024.

Para se tornar CEPI a estrutura física da escola teve que passar, e ainda passa, por reformas, para atender as necessidades que um ensino de tempo integral exige. As salas foram replanejadas, um refeitório – por hora provisório – foi organizado, e a quadra esportiva, que era uma demanda antiga, foi construída. No entanto, em relação ao espaço físico adequado há um longo caminho a ser percorrido para que os estudantes venham a ser atendidos de forma

satisfatória. O estudante do CEPI tem uma carga horária correspondente a oito horas de estudos diversificados em salas de aula e laboratórios, além das salas temáticas que atendem aos componentes curriculares do núcleo comum – Língua Portuguesa, Matemática, Química, Biologia, História e outras; e do núcleo diversificado – Projeto de Vida, Eletivas, Estudo Orientado, Iniciação Científica, Práticas de Laboratório, Pós-Médio e outras, aliado aos componentes curriculares os estudantes são atendidos com café da manhã, almoço e lanche da tarde.

Enquanto Instituto de Educação "Matilde Margon Vaz" – antigo nome – a unidade já atendia a comunidade desde os anos de 1982, quando o estabelecimento de ensino surgiu a partir do fechamento do Centro de Formação de Professores, no espaço que posteriormente se tornou a UFG - Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, que atualmente é a se transformou em universidade autônoma, atualmente denominada UFCAT - Universidade Federal de Catalão. A partir do ano de 1985 a unidade escolar passou a se localizar no Setor Universitário, onde está situada até hoje. Durante todo esse período de atuação muitas transformações ocorreram na escola. Vamos percorrer parte dessa história com foco na relação da instituição com as tecnologias, para refletir e compreender de que modo uma escola de uma cidade do interior de Goiás, passou pela experiência das transformações dos recursos aplicados na educação básica.

Entre os anos de 1993 e 1998 a escola teve algumas mudanças significativas, como por exemplo, a informatização da secretaria, melhorando a qualidade do trabalho administrativo. Nesse período quem estava à frente da direção da escola era a professora Terezinha Carneiro Elias. A equipe de professores desse período podia contar com a formação em nível superior oferecida pela UFG/Campus Avançado de Catalão, nas diferentes áreas do conhecimento. Como a maioria dos professores não possuía curso superior, a formação significou melhoria na carreira profissional e, consequentemente, aperfeiçoamento nas práticas em sala de aula.

Nesse período, da década de 1990, fui integrada a essa unidade escolar, recém concursada e com pouca bagagem de experiência em sala de aula, pois ainda estava finalizando minha licenciatura em Pedagogia, meu primeiro curso superior na Universidade Federal de Goiás. A escola atendia turmas de Ensino Fundamental – 1ª a 8ª séries, nos períodos matutino e vespertino e Educação de Jovens e Adultos (EJA) – 2º Segmento e Ensino Médio, no período noturno. Em termos de suporte pedagógico, além do corpo gestor tínhamos um mimeógrafo que atendia a escola toda com sua grande demanda, havia uma funcionária que ficava responsável por fazer as cópias das atividades, que eram escritas a mão ou datilografadas em uma folha de papel estêncil, que tinha carbono em sua superfície.

Esse mimeógrafo era o mais próximo que tínhamos de uma tecnologia “avançada” no momento. Vale mencionar que não era tão acessível criar as atividades com o mimeógrafo tendo em vista que a demanda e concorrência era grande e o dispositivo era “controlado”, o papel stencil era um material oneroso e o papel necessário para as cópias não estava tão disponível em larga escala.

Além do mimeógrafo, havia uma sala de vídeo com uma TV e vídeo cassete e um projetor de imagem conhecido como Data Show, que atendia a toda a escola, para utilizar esses recursos era preciso fazer um agendamento prévio para garantir sua disponibilidade. Nem sempre todos sabiam ligar a TV e encaixar a fita cassete, esta por sua vez, era locada em locadoras privadas e as despesas geralmente eram custeadas pelos próprios professores. Por vezes o planejamento tinha que ser adaptado por falhas no equipamento.

Os professores disputavam nas salas de aula até os gizes de cores diferentes, na expectativa de dar um colorido a mais nas informações e conteúdo que eram registrados no quadro, como uma tentativa de ganhar a atenção dos estudantes com esses detalhes.

Para o planejamento e execução das aulas os livros didáticos eram peças fundamentais. Até pouco tempo ainda tinha coleções em minha casa, como parte do meu arquivo pessoal. A robusta centralidade dos livros didáticos nas aulas se explica porque, numa escola sem acesso à internet, os livros, enciclopédias e especialmente o livro didático eram os principais norteadores das atividades. Inúmeras vezes agreguei as aulas recursos como recortes de revistas, embalagens, panfletos para trabalhar as temáticas com os estudantes a partir de imagens, com o objetivo de um melhor engajamento às atividades propostas.

Livros literários eram raros, só mais tarde contamos com essa possibilidade de material. Ressaltando que nesse momento a experiência por mim vivenciada era com os anos iniciais de aprendizagem, ou seja, o que corresponde hoje do 1º ao 5º ano. Trabalhava todos os eixos temáticos, inclusive relacionados a História. Só mais tarde, com minha segunda graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), passei a trabalhar com turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com a disciplina específica de História, para fazer complementação de carga horária.

Resgatar essas e outras memórias é fundamental para a análise em questão. São memórias que envolvem os desafios enfrentados no campo pedagógico e sobretudo na relação professor/estudante. São memórias que sinalizam batalhas nem sempre registradas ou contadas na documentação oficial. Elas demonstram como inúmeras vezes os professores são lançados a superar barreiras para que o processo de ensino aprendizagem aconteça, independente dos recursos disponíveis.

Atualmente o CEPI Matilde Margon Vaz, tem mais recursos que única sala de vídeo de outrora, há uma TV disponível em cada sala de aula, inclusive com lousa digital além do quadro branco que substituiu o quadro-giz. O cenário mudou, mas alguns desafios permanecem como a recorrente necessidade de adaptação do planejamento em razão das falhas técnicas ou do descompasso dos equipamentos com as demandas do momento.

Os professores receberam do governo Estadual de Goiás, um notebook no início do ano de 2023. Além disso, de acordo com o site da SEDUC – Secretaria de Educação do Estado de Goiás, no dia 05 de agosto de 2022, o governo do Estado de Goiás entregou mais de 48 mil computadores a todos os estudantes do 9º ano de Ensino Fundamental. Um investimento de R$ 141,2 milhões. Segundo mencionado no site, o objeto foi a promoção da tecnologia em metodologias diferenciadas, para potencializar os estudos e conhecimentos dos envolvidos. Ressaltando que em outra ação, ainda em 2021, todos os estudantes da 3ª série do Ensino Médio das escolas públicas estaduais receberam seu *Chromebook*. Foram 75 mil computadores com investimentos de R$ 187,9 milhões.[2]

Seguem abaixo alguns registros da entrega dos *Chromebook* aos estudantes do *CEPI Matilde Margon Vaz*, pelo governo do Estado de Goiás.

[2] Disponível em: https://site.educacao.go.gov.br/sala-de-imprensa/noticias3/5322-governo-de-goias-realiza-entrega-de-notebooks-a-membros-do-conselho-estadual-de-educacao.html . Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Figura 1 - Alunos recebendo *Chromebook* do governo.

Fonte: própria autora.

Podemos perceber na referida instituição diversos recursos didáticos que podem ser utilizados pelos professores, tais como: aparelhos de som, datashows, notebooks, microscópios, laboratório móvel de informática com internet, *Chromebook* para uso com as turmas de 9º ano e 3ª série do EM e Lousa Digital, que foi instalada em uma das salas de aula. Todavia, ainda há um grande gargalo, a internet que é insuficiente, pois nem sempre funciona de modo a atender as demandas dos estudantes e funcionários.

A instalação de Smart TV em sala de aula, ajudou a resolver muitas questões quanto a reprodução de áudio, vídeo e até de apresentação de slides, seu uso dinamizou as atividades, facilitou o manuseio e permitiu poupar tempo de aula. Além disso, seu uso tornou alguns equipamentos obsoletos, como aparelhos de som, aparelhos de vídeo, até mesmo o projetor de imagem. Dito de outro modo, a instalação da Smart TV nas salas de aula, um dispositivo multimídia, que tem várias funcionalidades, acabou substituindo com mais eficiência vários outros aparelhos outrora utilizados para uma finalidade específica. Essa mudança proporcionou melhorias que parecem mínimas, mas que impactaram muito o dia a dia da escola.

Poderíamos pensar que, com todo esse aparato tecnológico descrito acima, aliado com os smarthphones, os problemas de aprendizagem foram sanados ou mitigados consideravelmente. Poderíamos supor ainda que, com o acesso à internet e a cultura digital, nossos jovens e profissionais da educação estão todos bem informações e dotados dos conhecimentos necessários. Mas, infelizmente, essa não é a realidade, os problemas na relação ensino-aprendizagem ainda persistem, a dificuldade para um engajamento nas atividades permanece, além de outras questões que importunam a rotina escolar.

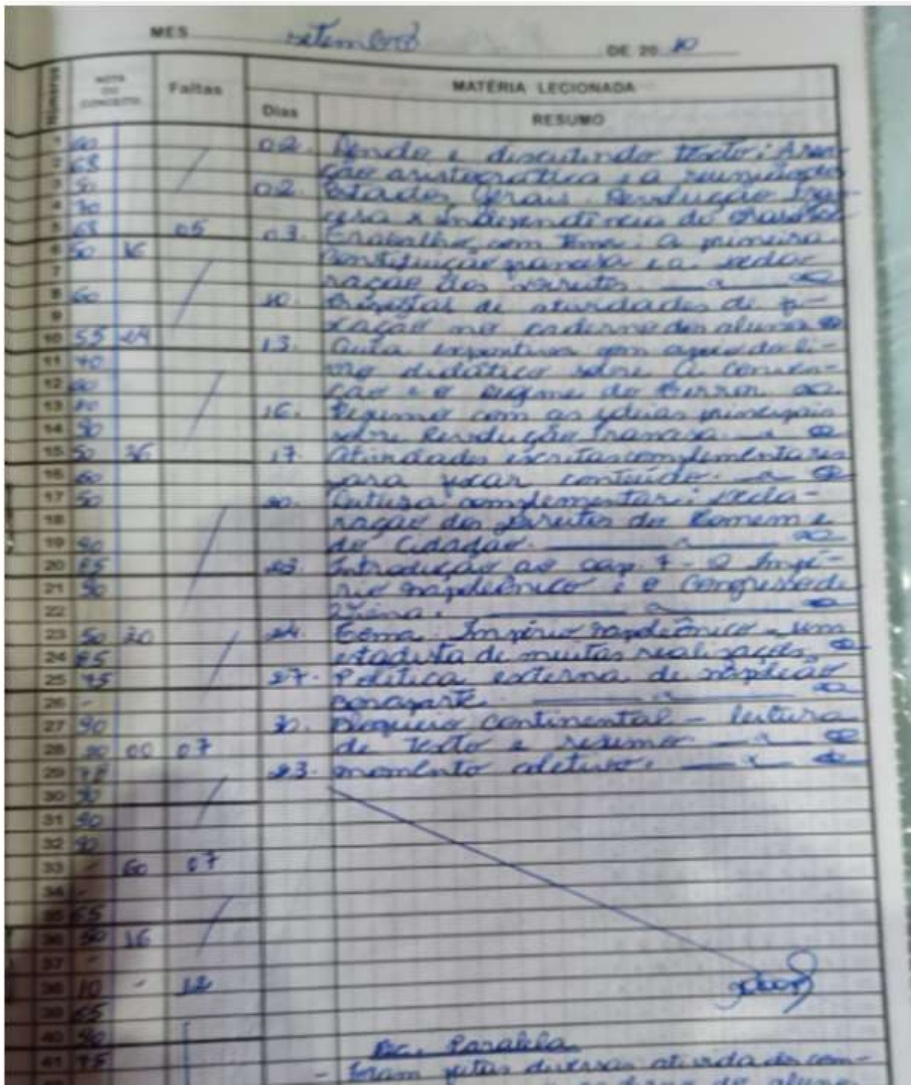
O desafio para conseguir adesão significativa dos alunos as atividades escolares ainda são enormes, o protagonismo tão comentado e incentivado pelos gestores e documentos como a BNCC e o Documento Curricular para Goiás nem sempre é possível. Os celulares que poderiam funcionar como grandes aliados no processo ensino-aprendizagem, acabam se tornando verdadeiros vilões em muitas situações, pois capturam a atenção e a audiência cativa de boa parte dos jovens estudantes, mantendo-os conectados com o mundo externo mesmo quando estão sentados dentro da sala de aula. Os celulares têm funcionado menos como aliado do que como uma espécie de concorrente especialista em promover desatenção. Nas reuniões pedagógicas se aconselha recolher o celular do estudante desatento, a proibição do mesmo em sala de aula é inclusive registrada no Regimento da Unidade escolar (GOIÁS, 2022).

O fato é que nós professores temos um grande desafio pela frente que consiste em promover as tecnologias digitais como aliada, para que atuem em nosso favor, sobretudo o celular, um dispositivo pessoal que tem muito potencial para uso pedagógico no espaço escolar.

Proibir o uso como um modo de punição já demonstrou sua ineficiência. Certamente um dos primeiros desafios a superar nesse quesito é conciliar a diversidade de ideia e opiniões sobre a presença do dispositivo na escola, que captura e promove distração até entre os professores.

Outra mudança significativa na rotina da escola que é perceptível e decorrente da inserção de tecnologias digitais, diz respeito as ações e materiais de planejamento e preparação das aulas e demais atividades: o que outrora demandava horas para se planejar, registrar atualmente pode ser adaptado de forma rápida com o apoio de sites e outras ferramentas digitais, exclusivamente voltadas para finalidades escolares. Vídeos, imagens, informações, fontes, referências podem ser facilmente acessadas. Planejamentos anuais e diários que antes eram feitos a mão, com restrição a rasuras que se desdobravam em possíveis punições, atualmente são realizados com ferramenta digital específica. Conforme o exemplo das figuras abaixo

Figura 2 – Diário manuscrito de 2010



Fonte: Diário de Classe, 2010.

Figura 3 - Diário digital de 2023

Fonte: SIAP, 2023.

Importa destacar que apesar da facilidade, a ferramenta não é totalmente isenta de intercorrências, não raro trabalhos e registros precisam ser refeitos por inconsistência do sistema ou sobrecarga devido ao excesso de demandas. O diário digital e outras ferramentas e dispositivos criados ou adquiridos pelo governo goiano para gestão escolar, promoveram mais autonomia para o professor em seu trabalho, ao mesmo tempo que aumentaram o controle sobre eles e os sobrecarregaram com a transferência direta de boa parte dos trabalhos administrativos. Como, por exemplo, o lançamento de notas referentes as avaliações bimestrais, na escola integral o lançamento semanal das avaliações de provas de bloco e simulados como responsabilidade dos professores.

Sobre o controle sobre o trabalho do professor, é feito um acompanhamento e monitoramento pelo sistema denominado SIAP (Sistema Administrativo e Pedagógico), nesse sistema está inserido todos os dados referentes aos estudantes, professores e funcionários, planos de estudo e SIGE (Sistema de Gestão Escolar), onde coordenadores e grupo gestor

monitoram a rotina dos professores, seus planejamentos, diários, frequência e aproveitamento dos estudantes e desempenho da escola nas avaliações internas e externas, conforme pode ser observado no PPP/2023[3].

Inúmeras vezes somos, enquanto professores, responsabilizados pela não aprendizagem dos estudantes, por estarmos alheios aos conhecimentos da cultura digital. Mas será essa uma realidade generalizada? Fantin (2012), após uma pesquisa com professores sobre a percepção que tem das Tecnologias Digitais, chegou à conclusão de que muitos professores apesar de ter um ideia positiva sobre elas, ainda consideram a tecnologia apenas como um recurso e não como uma cultura, não associando a objetos sócio culturais. Ao refletirmos sobre responsabilidades no meio educacional, é importante observar que cada unidade elabora, coletivamente, projetos que trazem em suas nuances características próprias dos objetivos que devem ser alcançados ao longo do ano letivo, fundamentados em teorias, práticas e principalmente em leis maiores como Constituição e a LDB. No caso do CEPI Matilde Margon Vaz, não é diferente.

Ao analisarmos o Projeto Político Pedagógico da referida instituição do ano de 2023, argumenta-se sobre a necessidade de oferecer aos estudantes uma aprendizagem significativa. Aprendizagem esta que, de acordo com o que foi colocado no documento, não se relaciona apenas aos aspectos cognitivos, mas está totalmente ligada aos aspectos afetivos e sociais do educando, pressupõe uma educação elaborada e fundamentada na Pedagogia da Presença. A Pedagogia da Presença é uma abordagem educacional que enfatiza a importância de o educador estar presente de forma plena e autêntica na vida dos alunos. Ela vai além da mera transmissão de conhecimento e se concentra na conexão genuína entre o educador e o aluno, reconhecendo o impacto positivo que isso pode ter no processo de aprendizagem. Essa abordagem sugere que os educadores devem estar presentes não apenas fisicamente, mas também emocionalmente e intelectualmente. Isso significa estar verdadeiramente envolvido na vida dos alunos, ouvindo atentamente suas preocupações, apoiando seus esforços e orientando seu desenvolvimento não apenas acadêmico, mas também pessoal e emocional.

A Pedagogia da Presença reconhece que os alunos são mais propensos a se envolverem e a aprenderem quando se sentem valorizados e compreendidos pelo educador. Portanto, promove uma cultura de respeito mútuo, confiança e empatia na sala de aula. Essa abordagem também pode envolver práticas como mentorias, acompanhamento individualizado, feedback construtivo e criação de um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor. Ao adotar a

[3] Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar CEPI Matilde Margon Vaz

Pedagogia da Presença, os educadores podem ajudar os alunos a se tornarem mais motivados, confiantes e engajados em seu próprio processo de aprendizagem. Nesse sentido, caberia a escola propiciar o maior engajamento possível por parte dos estudantes.

No PPP/2023 podemos observar as metas propostas pela SEDUC em relação a Educação do Estado de Goiás. Esta tem utilizado meios e inclusive plataformas digitais para que o projeto citado acima torne-se cada vez mais inovador. Essas plataformas servem para orientar o trabalho de todo grupo gestor bem como dos professores. Cabe mencionar a existência do *Portal Net Escola*, no qual os próprios estudantes podem ter acesso a essa plataforma, utilizando inclusive para realizar quizzes para aferimento dos conhecimentos relativos a conteúdos trabalhados em diferentes eixos temáticos. Ferreira (2022) diz que:

> O portal NetEscola foi lançado em 2020 para auxiliar professores e alunos da rede estadual de ensino durante o regime de aulas não presenciais. O portal Net Escola foi desenvolvido em regime de urgência e os materiais pedagógicos foram sendo construídos com as aulas em vídeo e listas de atividades para todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Atualmente, esta plataforma continua sendo alimentada e atualizada, mesmo que as aulas tenham voltado 100% presenciais. Há um incentivo para que os professores usem os materiais lá disponibilizados. (FERREIRA 2022, p. 76).

No *Portal Net Escola* há vídeo aulas disponíveis para os estudantes que queiram acessar, além da inserção de registro de textos e atividades complementares que podem ser utilizados pelos professores em sala de aula. Há por sua vez, um acompanhamento por parte do governo no que tange o trabalho do professor e o uso desse portal. Por vezes nas reuniões pedagógicas há uma verificação de como está sendo utilizado o recurso na escola, em todos os eixos temáticos, a cobrança é maior em Língua Portuguesa e Matemática, tendo em vista que as avaliações externas têm como foco essas áreas do conhecimento. Os próprios profissionais que atuam nessas áreas passam constantemente por um processo de formação continuada, fato que nem sempre acontece com as demais áreas.

Os livros didáticos não deixaram de existir, nem deixaram de ser recurso com certa centralidade em sala de aula, vez que a escola continua recebendo-os regularmente pelo projeto PNLD do Governo Federal. Como as salas de aula são atualmente salas ambientes, eles ficam disponíveis para quando necessário e não mais exclusivamente na biblioteca ou nas casas dos estudantes como acontecia anteriormente.

Em se tratando de avaliação externa é válido mencionar o exemplo da denominada SAEGO (Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Goiás). Essa avaliação ocupa boa parte da preparação dos professores e de parte dos estudantes. Para Ferreira (2018):

> O Sistema de Avaliação Educacional do Estado de Goiás (SAEGO) tem o objetivo de fomentar mudanças na educação oferecida pelo estado, vislumbrando um ensino de qualidade. O sistema busca avaliar, de modo censitário, alunos da rede estadual de ensino do 2º ano do Ensino Fundamental em Língua Portuguesa (leitura), além dos alunos dos 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. (FERREIRA 2018, p 39).

Durante o período em que antecede essa avaliação os estudantes realizam diversos exercícios com o objetivo de "treiná-los", para que façam uma "boa avaliação". Incentivos diversos são ofertados a eles. Para que se alcance um número satisfatório de participação dos estudantes são atribuídas notas, pontos extras nos eixos temáticos e por vezes até guloseimas são oferecidos, lanches especiais entre outros.

A organização da escola muda, tendo por objetivo que se alcance os melhores resultados nessa avaliação. Para Ferreira (2018), toda essa situação encobre as características de um ensino ruim, com o objetivo principal de aumentar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Para Moura (2023) a verdadeira intenção ao aplicar as avaliações em larga escala é averiguar se as escolas estão atendendo as determinações dos organismos internacionais, pautadas na visão neoliberal. Sob essa ótica, Gadelha (2009) destaca que

> Mediante a aplicação de avaliações em larga escala, instaura-se o exercício do poder na rotina escolar dos estudantes, isto é, mantém-se o controle sobre e que é estudado e gerencia-se o que as escolas ensinam, a fim de aproveitar as potencialidades desse ambiente. Nesse sentido, pode-se falar de cruzamento entre a "norma disciplinar e a norma da regulamentação" (GADELHA, 2009, p. 175).

Levando-se em conta que o ambiente escolar não é formado apenas por professores e estudantes, há também a família, direção, coordenação, governo, leis que regulamentam o ensino e diversos outros fatores próprios da dinâmica da educação numa instituição formal. Mediar essa realidade complexa no sentido de converter em ensino e aprendizagem é desafiador.

Pensando que a Educação é um todo que se constitui e se fundamenta, não podemos esquecer os papeis desempenhados pelos outros segmentos e agentes que compõem o ambiente escolar, tais como: corpo gestor da escola, família e a própria atuação da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, esses também são essenciais no processo de formação junto aos professores e estudantes. Nessa perspectiva, podemos pensar no termo comunidade como um todo. Comunidade aqui pensada de acordo com o conceito abordado por Zarth (2001), o qual designa comunidade como um conjunto de pessoas vivendo em suas contradições internas em

determinado espaço comum.

Refletindo sobre tudo que foi abordado acima e sobre as características que permeiam a realidade escolar, especialmente a qual estou inserida atualmente, é relevante problematizar quais seriam ou quais são os papeis desempenhados pelas diferentes áreas do conhecimento para formação dos estudantes, bem como o papel desempenhado pelos diversos profissionais que atuam direta ou indiretamente com esse público jovem.

Caberia somente as áreas de Linguagens a formação e desenvolvimento crítico social dos estudantes, relegando as demais áreas do conhecimento um papel secundário. Levando por esse viés teríamos então a justificativa para tanto empenho, formação e demais demandas em relação elas, quase sempre em detrimento das outras? Poderíamos então considerar que habilidades trabalhadas nas áreas das Ciências Humanas, por exemplo, como desnecessárias? Como analisar todo esse contexto?

No caso do professor de História devemos pensá-lo como aquele sujeito que está a todo tempo ressignificando o passado, narrando o passado presente nas fontes, articulando diferentes temporalidades. Daí a importância das fontes e sua relação com o historiador, são elas que possibilitam um diálogo e reflexões sobre determinado contexto, Michel de Certeau (1982) chama isso de construção das fontes. A principal característica do historiador, e, portanto, do professor de história, é capacidade investigativa, por isso nem sempre é bem-visto na sociedade. Compreender quem somos, como somos, nos orienta e capacita para problematizar os discursos que nos rodeiam, nos ajuda a construir e compreender nossa identidade.

A escola deve ser pensada como um todo que se articula em suas diversidades e necessidades. Zarth (2001) pressupõe em seus estudos que professor e estudante devem ser vistos como investigadores, nada melhor que o campo das humanidades de forma geral e a história de maneira específica para dar consciência dessa condição. O estudante deixa de ser um simples depósito e passa a se tornar construtor de conhecimento, um agente ativo que também investiga, questiona e tece reflexões.

O professor de história precisa produzir conhecimento histórico com os estudantes, alicerçados em materiais, fontes, pensadores, práticas e métodos específicos do seu campo de trabalho, que possibilite algum tipo de contato com outros povos, culturas e temporalidades.

Estar atentos a essas nuances é fundamental para que possamos, enquanto pesquisadores acadêmicos e professores atuantes nas escolas, fomentar discussões que levem a uma perspectiva de mudanças em relação aos saberes e como estes são difundidos junto ao nosso público. A tradicional história fundamentada apenas em datas, grandes nomes, euro centrada e de viés estritamente político não consegue dar conta da sociedade contemporânea e não faz

sentido para os estudantes. De acordo com Boarom (2012):

> O modelo até então vigente, uma história baseada em heróis, batalhas, nação e espírito cívico, perdeu sua serventia direta numa sociedade democrática e globalizada. O novo cenário de recíproca dependência entre países, somando aos grandes acontecimentos tecnológicos dos meios de comunicação, que uniu culturas, políticas e acontecimentos, não encontrou eco no ensino escolar da História, que ainda rememorava e rememora o passado de tal forma a ser um exemplo estático ao presente (BAROM, 2012, p. 9).

A realidade do ambiente escolar nem sempre favorece uma aprendizagem significativa. Pensando no ensino de História, a situação é um pouco mais preocupante tendo em vista que, na maioria das vezes, a disciplina é tida pelo senso comum apenas como um estudo do passado, fragmentado, estático, dado e longe do tempo presente. Por isso nem sempre tem o espaço necessário e é valorizada pelos alunos e pelos próprios gestores.

O ensino de História não pode ser visto apenas como cumprimento de currículo e metas, término de livros ou apostilados, mas sim, como um instrumento do saber que proporciona aos estudantes mudança de comportamento, visão de mundo, transformação da consciência histórica. Na realidade da educação goiana de forma geral a disciplina de história tem sido preterida em relação a outras, uma boa evidência dessa afirmação é sua ausência nas avaliações externas. Não estamos afirmando que uma avaliação externa seja suficiente para conferir valor a um componente curricular, mas é indício do que é ou não priorizado num modelo de educação neoliberal.

No CEPI Matilde Margon Vaz, o desprestígio não é exclusividade do ensino de História, mas de todas as áreas que envolvem as Ciências Humanas. Os componentes curriculares das ciências humanas necessitam de maior atenção, apenas para exemplificar essa situação podemos mencionar o investimento que é destinado para laboratórios específicos de outras áreas e a ausência de um específico para história.

Instrumentalizar os espaços da melhor forma para atendimento ao público que exige cada vez mais demandas é imprescindível. Não somente instrumentalizar, mas também fomentar momentos de formação continuada para os profissionais que atuam nessas áreas, abrindo espaços para trocas de experiências é fundamental.

Em relação aos projetos desenvolvidos na unidade, referentes as Ciências Humanas, o que se pode perceber é o grande potencial que os estudantes têm quando são chamados ao engajamento, mesmo com recursos limitados. Exemplo disso, foi o último projeto desenvolvido no ano de 2023, no decorrer do segundo semestre, a Segunda Semana Cultural desenvolvida pelas Ciências Humanas com o tema: *Imigração e sua contribuição na formação da história*

do Brasil. Que redundou numa boa prática de ensino de História com uso de tecnologia digital.

Para a realização desse projeto, os estudantes fizeram pesquisas em seus celulares e nos computadores da escola e assumiram o chamado protagonismo juvenil. Utilizaram recursos tecnológicos básicos para implementar as apresentações sobre o tema sugerido. Superaram as limitações dos recursos e conseguiram mostrar suas habilidades na arte da criação, reinvenção e principalmente fazerem fluir o perfil de estudante pesquisador.

As escolas públicas são marcadas pela diversidade da comunidade, proveniente de diferentes níveis sociais econômicos, lugares, crenças, mas também aos recursos disponíveis para cada um. A desigualdade na escola agora pode ser pensada a partir do acesso e apropriação do mundo digital e suas informações. Há quantidade expressiva de brasileiros que ainda não têm acesso a determinadas tecnologias, como argumenta Ramos da Silva (2018). Para a autora a exclusão digital é responsável pela criação de uma nova privação, que amplia a reprodução de tantas outras privações nas sociedades em desenvolvimento.

Na esfera da Educação esse fato se mostra bem presente tendo em vista os poucos e recentes investimentos feitos em tecnologias no ambiente escolar. Investimentos escassos em implantação de políticas públicas que viabilizem uma melhor estrutura e mesmo a formação de profissionais aptos a usarem as tecnologias digitais como recursos metodológicos.

Vale lembrar que todos os recursos sejam eles livros, TVs e outros também podem e devem ser considerados relevantes para o processo ensino aprendizagem. Por outro lado, há a necessidade de pensarmos que a escola é um espaço de preparação para a vida em sociedade e esta passa por mudanças que exigem indivíduos preparados para ocupar diferentes posições no meio social. Privar tais indivíduos de acesso às tecnologias contribuirá, como já foi dito, para que ocorra uma exclusão social. Dentro desse contexto, torna-se relevante pensar que o ensino de História aplicado em sala de aula deve contribuir para análises como esta, ou seja, refletir de que forma as mudanças e a estruturas que se reorganizam ao longo dos tempos afetam as nossas vidas enquanto agentes históricos que somos.

A forma como se utiliza as ferramentas disponíveis vai depender de seus usuários, não adianta ter ferramentas se os usuários não estão preparados para manuseá-las. O uso de tecnologias no meio escolar não pode ser considerado apenas como mais um desses "modismos", que se instalam durante algum tempo ou durante determinado governo, pelo contrário, deve ser analisado com seriedade e possibilitando outros olhares sobre o novo e com perspectivas futuras, não apenas passageiras e eleitoreiras. O investimento na formação continuada dos profissionais das diferentes áreas do conhecimento e a instrumentalização deles em relação aos recursos tecnológicos é primordial. Nesse sentido, poderíamos citar aqui como

exemplo o uso dos próprios Chromebook, entregues aos estudantes dos nonos anos e 3ª série do Ensino Médio, os dispositivos nem sempre são utilizados na escola, muitos são deixados em casa, tendo em vista o pouco engajamento na utilização em sala de aula. Em relação a 3ª série do Ensino Médio, podemos verificar muitos estudantes que ainda não sabem, por exemplo, formatar um texto no Word ou mesmo fazer uma pesquisa de forma mais sistematizada quando solicitados.

Refiro-me aqui especialmente a 3ª série porque é constituída por estudantes que serão em breve encaminhados para um curso superior, sem conhecimento suficiente para fazer e organizar trabalhos acadêmicos em formato digital. Nesse sentido, ainda precisamos repensar nossas práticas enquanto profissionais do Ensino básico.

A entrega desses dispositivos digitais pode ser vista como uma tentativa de amenizar o distanciamento social e a exclusão as tecnologias, tendo em vista que muitos estudantes não têm acesso nem mesmo a um celular por proibição dos responsáveis ou por questão financeira, algo comum em escolas como o CEPI Matilde Margon Vaz. Mas disponibilizar aparelhos aos alunos sem planejamento coletivo, sem objetivo e preparação prévia, não tem muita funcionalidade efetiva, além da publicidade ao governo que promoveu a entrega. Um dos problemas de projetos como esse é que são voláteis e se perdem normalmente a cada término de mandado.

Atualmente estamos vivenciando investimento considerável nas escolas da rede estadual de Goiás, especialmente com a criação dos CEPIS e escolas militarizadas, que passam a atender um público mais seleto de estudantes, o que acaba gerando desigualdade no próprio sistema de ensino público estadual da rede de ensino básico. A cidade de Catalão está passando por esse processo que se concretiza com a implantação de mais um colégio Militar, aprovado através do projeto de Lei de número 490 de 06/06/2023 do deputado Jamil Calife.

Figura 4 – Colégio Militar Iris Rezende 2023

Fonte: Seduc, 2023

Segundo notícia de um site da cidade, Blog do Badinho, publicada em julho de 2023, o governo de Ronaldo Caiado, atual governador do Estado de Goiás, manterá funcionando os colégios militares mesmo com o encerramento do programa federal. Em Catalão, a então Escola Estadual Professora Zuzu, que atendia comunidades periféricas do município por décadas, foi fechada à revelia de muitos profissionais da educação e parte da comunidade catalana que protestaram contra o fechamento, para sediar a nova escola militar. Após o fechamento o espaço foi totalmente reconstruído e ampliado para se adequar ao moldes de uma escola militar, que também mudou de nome passando a se chamar Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Iris Rezende Machado. Segundo site Seduc foi investido um total de R$ 4.614 milhões na reforma e ampliação da referida unidade, contando com a construção de um auditório, biblioteca, laboratórios e uma quadra esportiva coberta.

Faço menção a referida escola militar porque sua implementação com recursos robustos se comparado com outras escolas, interfere na realidade da instituição onde trabalho e que é alvo dessa pesquisa, principalmente porque vivenciamos momentos de grande preocupação em relação a manutenção e permanência dos estudantes na escola, muitos alunos optaram por estudar na nova escola, tanto em razão da nova estrutura quanto pela falaciosa ideia presente no imaginário de que o ensino em escolas militares tem mais eficiência e qualidade. O CEPI Matilde Margon Vaz, mesmo após adequações para oferecer ensino integral, ainda convive com sérios problemas de estrutura física.

Dito de outro modo, grande parte da comunidade ainda percebe nessas instituições de caráter militar a resolução para problemas disciplinares ou até mesmo pedagógicos. Aliado a isso, há de se mencionar a excelente estrutura física projetada e construída, que de longe deixa o CEPI Matilde Margon Vaz em desvantagens com suas adaptações e espaços improvisados.

Podemos acrescentar a todos esses fatores o fato de que o Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Iris Rezende Machado, não irá atender os estudantes em tempo integral, dando assim, oportunidade aos jovens, principalmente aos que cursam o Ensino Médio, poderem estudar em um período e trabalhar em outro, que é um grande desafio enfrentado pela nossa realidade educacional atualmente. Conforme pontua Alves (2018):

> Parece ser correto afirmar que, se os colégios militares passaram a ser objeto de desejo dos municípios goianos, o poder de criar um colégio e negociar com a comunidade local ganha novos contornos, que explicam a expansão desse modelo de escola em Goiás. Ao contrário da tão propagada melhoria da escola pública, se investe num novo modelo de gestão da escola, que marginaliza ainda mais a escola estadual com a criação do CPMG. (ALVES, 2018, p. 10).

Analisando a Educação em Goiás, as autoras citadas acima concluem que o governo cria uma diferenciação dentro da própria rede pública de Educação, quando investe tão alto em determinadas unidades escolares em detrimento das outras, que também fazem parte do Estado de Goiás. De acordo com as pesquisadoras, quando o governo entrega as escolas para a Polícia Militar, contempla os anseios de uma parte da população que é atendida enquanto outros colhem os frutos de uma política excludente, autoritária e eleitoreira, além de desviar o foco da Polícia Militar que é o da Segurança Pública e não a Educação.

A proposta da presente pesquisa não é logicamente sobre a implantação ou não desses colégios militares. Mas nesse momento é necessário que se pense também sobre isso, visto que essa lógica da militarização tem influência sobre a relação das escolas com as tecnologias digitais. A prática implantada pelo governo de Goiás nesse contexto e espaço está interferindo diretamente na organização da unidade escolar que está sendo pesquisada, daí a necessidade de colocar tal pauta em discussão. Somos alvos de comparação entre o que podemos oferecer ou não aos estudantes, inclusive em termo de recursos tecnológicos disponíveis.

Há por sua vez uma precarização não somente em relação a disponibilização de tecnologias digitais, mas de recursos de forma geral, que vão desde os pedagógicos até o de pessoal. Aproprio-me do questionamento feito por Alves (2018), seria justo comparar as condições de funcionamento de uma escola estadual as de um colégio militar? Para o autor,

> Nesse aspecto convém destacar que as efetivas condições de funcionamento dos colégios militares são muito distintas das escolas estaduais: possuem excelente infraestrutura física, que mantém com as taxas que recebem dos familiares; contam com um substantivo reforço de pessoal, com altas funções gratificadas, para administrar e cuidar da disciplina; têm poder de administrar a permanência ou não dos alunos. Enquanto isso, as escolas estaduais convivem com a precariedade da infraestrutura, a falta de pessoal. (Alves, 2018, p. 14).

O CEPI Matilde Margon Vaz passou pela implantação em tempo integral, como mencionado anteriormente, mas as mudanças estruturais necessárias ainda não aconteceram devidamente, estamos trabalhando de forma improvisada e inclusive contando com doações para que possamos minimamente desempenhar nossas funções. O diretor atual, que antes ocupava a função de coordenador pedagógico, realiza serviços gerais na unidade escolar que vão além das atribuições do seu cargo, além disso muitos professores e profissionais do CEPI dedicam seus horário de intervalo e almoço para conseguirem organizar ou arrumar algo na estrutura física do prédio, com o objetivo de melhorar a qualidade do prédio para os alunos.

Para demonstrar essa situação cito o exemplo da doação recebida recentemente por parte do Instituto Professor João Margon, que doou 20 computadores ao Conselho Escolar Maria do Rosário Santana Borges. A doação corresponde, segundo o documento anexado abaixo com assinatura do Diretor Robson Cândido, ao valor de R$ 85.165,67.

Figura 5 – Recibo de doação para escola

INSTITUTO PROFESSOR JOAO MARGON VAZ

RECIBO DE DOAÇÃO 31 /2023

O **INSTITUTO PROFESSOR JOAO MARGON VAZ** instituição sem fins lucrativos, com sede na Rua Deputado Mário Mendonça Netto nº 30 Residencial Barka, CEP: 75706896, Catalão Goiás, registrada no Cartório de Registro de Títulos e Documentos, Protestos e Tabelionato de Notas de Catalão Goiás sob o nº 2.861 do Livro A-44, em 20/12/2017, inscrita no CNPJ sob o nº 29.313.845/0001-19, neste ato representado pelo **Presidente Haley Margon Vaz**, Inscrito no CPF: 015.386.671-34, e RG 3329897-4516516 (SSP/GO) residente e domiciliado nesta cidade de Catalão Goiás.

Declara estar doando para o **CONSELHO ESCOLAR MARIA DO ROSÁRIO SANTANA BORGES(MATHILDE MARGON) CNPJ: 00.688.393/0001-78 Diretor: Robson Cândido Elias**, situado na Rua 21 nº 135 Setor Universitário na cidade de Catalão Goiás, a **quantia de 20 unds de computadores marca Dell, no valor de R$85.165,67** entregues diretamente para a direção da entidade que ora recebe.

Catalão Goiás 16 de Agosto de 2023

[redacted]

INSTITUTO PROFESSOR JOAO MARGON VAZ
HALEY MARGON VAZ – CPF 015.386.671-34
Presidente

Fonte: Recibo de doação, 2023

A doação permitiu a montagem de uma sala para uso desses computadores, para ampliar as possibilidades de atividades de pesquisas, realização de trabalhos em arquivos digitais e mesmo a execução das Eletivas, que não fazem parte do itinerário formativo e é de livre escolha dos estudantes, antes essas atividades eram realizadas com o deslocamento dos estudantes da escola para o *Instituto João Margon*, pois até então a unidade não tinha computadores para atender as necessidades das eletiva. Atualmente contamos também com a possibilidade de um laboratório móvel, composto por computadores para acesso e utilização nas diferentes áreas do conhecimento.

> O Governo do Estado de Goiás por meio da Secretaria de Educação lança no primeiro semestre de 2022 o projeto “Laboratório Móvel”, que em síntese, busca democratizar o conhecimento nas áreas de tecnologias da rede pública de ensino, proporcionando

> aos alunos e professores ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento nas áreas de ciências e suas tecnologias. De início a proposta foi modernizar as escolas com Chromebook possibilitando que os alunos dessem continuidade aos estudos de forma remota, devido ao distanciamento social imposto pelo Ministério da Saúde por conta da pandemia do novo coronavírus. Após esse período de quarentena, o projeto foi ampliado devido à necessidade de inovação nas áreas de tecnologias nas escolas da rede pública de ensino. A partir disto, surgiram ideias disruptivas que fizeram com que o "Laboratório Móvel" torna-se um projeto real e palpável para a realidade de centenas de jovens estudantes. A estrutura deste laboratório conta com equipamentos de alta performance possibilitando que os alunos apliquem os seus conhecimentos e habilidades fundamentais na Era do Digital. (PORTAL EDUCA GO, 2023)[4].

Figura 6 - Publicação no Facebook da premiação recebida

Fonte: Página do CEPI Matilde Margon Vaz no Facebook[5]

Figura 7 – Publicação no Facebook do redário da escola

[4] Disponível em: https://portaleduca.educacao.go.gov.br/suporte_ti/saiba-mais-sobre-os-laboratorios-moveis/. Acesso em 15 de fev de 2024.

[5] Disponível em: https://www.facebook.com/share/p/hULtQ9tWdMnQGaZR/?mibextid=xfxF2i.Acesso em 15 out de 2023

Fonte: Página do CEPI Matilde Margon Vaz no Facebook[6]

Sobre a realidade da educação no Brasil Leão (2021) destaca,

> [...] todos nós sabemos das histórias e necessidades da educação brasileira, das ausências de investimentos públicos, da falta de valorização dos profissionais, das precárias condições de nossas escolas, da pobreza material dos alunos, das dificuldades do acesso à escola, das carências seculares dos alunos das classes menos abastadas, da falta de incentivos para uma carreira docente, da falta de projetos para uma formação contínua, novos cursos aprimoramentos e atualizações. E ainda do projeto de uma elite conservadora, entreguista e bandida que promove, por meio da falta de educação uma verdadeira pandemia...] (LEÃO 2021, p. 33 e 34).

Quando se pensa sobre os recursos destinados à Educação, em especial ao Estado de Goiás é interessante que se pense também em recursos que envolvam a cultura digital, não se pode negar que há um movimento nesse sentido, apesar de ser tímido e moroso, mas que

[6] Disponível em: https://www.facebook.com/share/p/hULtQ9tWdMnQGaZR/?mibextid=xfxF2i. Acesso em: 20 nov de 2023.

expressa certa preocupação em inserir as escolas na cultura digital, sobretudo através da disponibilização de dispositivos com tecnologia digital.

O uso das tecnologias na escola ainda sofre resistência, não só no ambiente escolar, mas também no familiar. Muitos ainda entendem os jogos digitais, por exemplo, como perda de tempo, o uso do celular como distração para aprendizado. Em outras palavras propor atividades com uso efetivo de ferramentas digitais acaba assustando e causando insegurança para parte significativa da comunidade. Há ainda um olhar de desconfiança por parte dos responsáveis pelos estudantes e de alguns colegas profissionais da educação.

Belloni (1992) pressupõe a necessidade de integrar as máquinas à escola em todos os seus níveis e modalidades, pois parte da ideia de que as tecnologias estão a cada dia mais integradas a realidade social em suas diferentes esferas e rebate a necessidade de uma formação mais especializada dos educadores, tendo em vista a realidade encontrada no ambiente escolar composto por jovens e adolescentes que já estão bem familiarizados com de algum modo e em algum nível com o uso das tecnologias. A referida autora não percebe avanços quando se trata da formação dos professores que atuam na rede básica de educação do Brasil, ela entende que a formação de uma cidadania plena só acontece quando a alfabetização dos indivíduos se dá em todos os tipos de linguagem. Vale destacar que aqui já foi dito que a formação é uma necessidade.

Para Ferreira (2022), as políticas públicas estão longe de serem consideradas robustas e solidificadas no que se refere a incentivos a Educação e por sua vez na formação dos professores. Para a autora o motivo de tal problemática está no fato de que os governos mudam constantemente, o que interfere nas legislações e nos investimentos para a Educação. As políticas públicas de Estado permanecem, mesmo havendo alternância de governo. A referida autora aponta resultados colhidos através do INEP referentes a formação dos professores que atuam nos diferentes níveis de ensino. Para Ferreira (2022):

> De acordo com dados do INEP a formação dos professores que atuam em diferentes níveis de ensino ampliou consideravelmente havendo a redução dos professores considerados leigos na última década. Apesar do avanço o estudo afirma que, “apenas 57% dos docentes que atuavam na pré-escola, ensino fundamental e ensino médio, possuíam formação em nível superior”. (FERREIRA 2022, p. 52).

Tais dados mostram não somente o crescimento referente a formação do professor, embora ainda não sendo o suficiente e longe do ideal, mas denotam também a importância da criação de leis e políticas públicas para que os projetos aconteçam. Ferreira (2022) evidencia que

> [...] as políticas públicas têm fundamental importância para o êxito de projetos voltados para as diversas áreas da sociedade. No que se refere as leis para educação é importante ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9394/96), e a Constituição Federal de 1988 são os principais norteadores para as práticas educacionais do Sistema Brasileiro de Ensino. (FERREIRA, 2022, p. 53).

Descontruir uma ideia ou uma prática nem sempre é uma tarefa fácil, principalmente quando elas estão arraigadas a muito tempo na realidade do indivíduo. Em relação ao âmbito educacional, especialmente ao Ensino de História e suas práticas com uso das tecnologias também é uma realidade que se apresenta e merece ser pensada de forma acurada. Silva (2018), aponta que:

> [...] nessa mudança paradigmática de ensino- -aprendizagem, o papel do docente também se altera, pois o professor não poderá ser um simples transmissor do conhecimento. É necessário considerar os novos recursos de informática e o conhecimento que o estudante traz para a sala de aula. O uso das novas TICs na educação exige uma releitura do papel do docente. (SILVA, 2018, p. 68).

As tecnologias não determinam de forma geral o sucesso ou fracasso na aprendizagem do educando. No entanto, o advento e profusão de dispositivos digitais, provocou alterações em nossa relação com a produção e divulgação de conhecimentos. Aprendemos, produzimos e transmitimos conhecimentos no ciberespaço, há nesse processo a criação da sinergia proposta por Lévy. Não que não houvesse produção de conhecimentos e aprendizados anteriormente, mas a forma como isso ocorre num mundo mergulhado em tecnologias digitais se transformou significativamente. Enquanto professores somos também navegadores da rede, exploradores do mundo virtual, arrastados irresistivelmente para esses novos espaços de produção e circulação de conhecimentos.

Certamente ainda há profissionais que não se adaptaram de forma tranquila com realidade que se delineia, mas isso não significa que conseguem evitá-la completamente. Ainda se sentem inseguros quando se fala no uso de uma ferramenta tecnológica ou outra, mas são impelidos para a nova realidade digital a despeito de sua resistência. A própria insegurança, resistência e desconforto são indícios de que estão assolados pelo mundo digital que não lhes permite mais a sensação de ser/estar completamente ajustado. Possivelmente por isso Lévy (1997) argumenta:

> Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes são excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser

> contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 1997, p. 12).

A cultura digital e sua relação com Educação nos remete a necessidade de formação de profissionais que estejam preparados. Isso requer não somente a vontade do professor, mas principalmente a incentivos advindos do governo como já mencionado. Para Ferreira (2022) a chegada da era digital e sua inserção no campo educacional é um processo lento, mas inevitável.

São poucos os cursos oferecidos nas redes de Educação que trabalham o uso das tecnologias digitais, isso ficou claro frente a instalação de um ensino remoto proposto de forma abrupta em razão da pandemia de Covid-19. Os próprios cursos de licenciatura são insuficientes nesse quesito e necessitam (re)pensar urgentemente suas metodologias, referências e Matriz curricular, para atender essa nova demanda na formação de professores que consigam se formar mais capacitados para o ensino num mundo digital.

Grande parte dos conhecimentos que chegam até os indivíduos atualmente, ocorre por meio das mídias digitais. Aferir e analisar como esse conhecimento chega nos diversos sujeitos e os impactos causados, pode promover interessantes reflexões. Cabe a nós enquanto educadores fazermos um estudo no sentido de conhecer quem é o indivíduo que se apresenta no ambiente escolar como estudante. Quais são os seus interesses, desejos, anseios, qual visão de mundo carrega. Conhecer o "outro", sua história de vida se torna essencial para que ocorra um processo significativo de aprendizagem e porventura a escolha dos recursos e métodos mais apropriados.

Lévy (1997) chama a atenção para a guinada histórica em relação a construção do saber. De acordo com o autor, o conhecimento ainda era totalizável, fato que muda com o advento das máquinas e sua nova forma de organização social que se impões diante de uma nova realidade. As máquinas trazem não somente uma nova forma de lidar com a matéria, bem como agregam uma nova visão de mundo e um novo ciberespaço. Para ele (1997):

> A partir do século XX com a ampliação do mundo, a progressiva descoberta de sua diversidade, o crescimento cada vez mais rápido dos conhecimentos científicos e técnicos, o projeto de domínio do saber por um indivíduo ou por um pequeno grupo, tornou-se cada vez mais ilusório, hoje tornou-se evidente, tangível para todos que o conhecimento passou definitivamente para o lado do imortalizável, do indominável. (LÉVY, 1997, p. 161).

As páginas da Web trazem inúmeras informações sobre os mais diferentes assuntos. Navegar em tais páginas é sem dúvida uma aventura instigante e sem fim, tendo em vista a

imensidão de ideias que são veiculadas. Tais páginas podem ser bem democráticas num primeiro momento, aceitam não somente a presença de seus navegadores ávidos por informações, como também a inserção de novas contribuições que atualizam suas páginas.

Lévy (1997), como entusiasta das possibilidades das tecnologias digitais, apresenta o que denominou de consciência coletiva, conceito fundamental que de certa forma contrapõe à ideia da inteligência artificial e seu princípio ou expectativa de que um dia a máquina se tornará tão ou mais inteligente que o ser humano. De acordo com o autor a consciência coletiva, desenvolvida a partir dos dispositivos digitais, permite a valorização da utilização otimizada e a criação da sinergia entre as competências. Para Lévy (1997), a consciência coletiva não é apenas a soma das consciências individuais, mas sim uma entidade emergente resultante da interconexão e interação entre os indivíduos em um contexto social, especialmente em um contexto digital. Ele argumenta que as tecnologias da informação e comunicação estão possibilitando uma intensificação da interação entre as pessoas, criando assim uma forma de consciência coletiva que transcende as limitações do espaço físico e do tempo. Essa consciência coletiva digital é caracterizada pela troca de informações em larga escala, pela Co criação de conhecimento e pela emergência de comunidades virtuais. Lévy enfatiza que, embora a tecnologia seja fundamental para esse fenômeno, a consciência coletiva também depende da participação ativa e da inteligência coletiva dos indivíduos.

No contexto da era digital, a consciência coletiva de Lévy ganha relevância ao analisar como as redes sociais, fóruns online, wikis e outras plataformas digitais estão moldando a forma como as pessoas pensam, se relacionam e constroem conhecimento em conjunto. A experiência nos mostra que o ambiente escolar pode ser excludente, não somente em relação as tecnologias e suas aplicações, mas também quando se prioriza na prática a inserção de conteúdos e planejamentos que não consideram a realidade da comunidade que é assistida. Quando isso ocorre a escola se desvia de sua função social para atender interesses políticos, financeiros e de mercado quase sempre alheios à comunidade escolar e deletérios para educação humanista.

O fazer pedagógico encontra muitos obstáculos que se tornam barreira para práticas mais socializadoras do saber, que as vezes surgem do próprio núcleo familiar do estudante por motivações sociais, morais, culturais, religiosas, ideológicas. É preciso lidar com a realidade de que a escola não é o único espaço onde se dá a construção do conhecimento de um estudante, entender que a escola é o espaço de educação formal, mas que muitos outros espaços interferem na formação dos estudantes e que essa bagagem chega com eles no ambiente escolar. O ciberespaço, ou o mundo virtual, cada vez mais se estabelece como mais um lugar de educação não formal que pode concorrer e/ou complementar com a escola.

O ambiente escolar foi ao longo da história se configurando e se ressignificando, percursos de retrocessos, avanços, transitando entre diferentes paradigmas e nomenclaturas para delinear antigas práticas. O que se faz necessário refletir é que a Educação escolar tem sim um papel importante no desenvolvimento social do indivíduo. É no espaço escolar onde os estudantes têm contato, convívio e interação com as diversidades, que permitem quebrar "tabus" e reflexão sobre diferentes visões de mundo. Nesse sentido, a escola pode ser entendida na atualidade não somente como o lugar onde se sistematiza o conhecimento, onde se aprende teorias e regras, é sobretudo um espaço recheado de sentimentos, emoções, sensibilidades que devem ser considerados para uma educação mais significativa.

No âmbito escolar cabe a nós enquanto educadores fazer um estudo no sentido de conhecer quem é o indivíduo que se apresenta no ambiente escolar enquanto estudante. Quais são os seus interesses, desejos, anseios, qual visão de mundo apresenta. Conhecer o "outro", sua história de vida se torna essencial para que ocorra um processo significativo de aprendizagem. Aprendizagem essa, que deve ser marcada por caminhos onde se prioriza o desenvolvimento de habilidades e respeito a individualidade de cada um.

Nesse sentido, Fonseca (2003) argumenta que discutir o ensino de História atualmente é pensar sobre os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços. É sobretudo ter em mente quais são as fontes e formas de educar cidadãos numa sociedade marcada pelas desigualdades. Para a referida autora:

> (...) a história busca compreender as diversas maneiras como os homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, através do tempo e do espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens. (FONSECA 2003, p. 40).

Apresentar a História enquanto disciplina, ou como eixo temático, é sem dúvida instigante. Encontrar meios e instrumentos para que isso se torne viável é fundamental. A História que por vezes nos era transmitida de forma linear e temporal e com características do progresso evolutivo da humanidade é criticado pela autora. Mesmo diante de tantos recursos didáticos existentes, por vezes ainda ficamos "presos" a aulas puramente expositivas que não instigam a participação dos mais importantes personagens no processo, que são os estudantes.

Como professora de história convivo com uma inquietação constante, como proporcionar um ensino que contribua de forma crítica para nossa organização social, econômica e política e que ao mesmo tempo consiga obter a atenção da turma. Observando a minha própria trajetória profissional, posso afirmar que o simples fato de ter profissionais com

conhecimento específico disponível para o Ensino de História na educação básica, já é um avanço importante, já que nem sempre foi assim. Atualmente já podemos contar com profissionais específicos de área que atuam no ensino de História e das Ciências Humanas, já que nem sempre foi assim. Eu mesma já atuei apenas como pedagoga, sem formação em história, para ensinar História no ensino fundamental. A minha prática e o diálogo com os estudantes me levaram a melhorar a formação e por conseguinte à licenciatura em História. Sem dúvida a formação específica no campo disciplinar da História ampliou consideravelmente meu campo de pesquisa e minha prática.

A partir desse recorte da minha formação acadêmica e atuação na educação básica, quero evidenciar a importância de investir também na especialização do professor e não somente na obtenção de recursos. Pois diante da falha ou falta de algum recurso o professor e a formação adquirida permanecem. Dito de outro modo, ainda que os recursos estejam disponíveis, se não há uma boa preparação e engajamento por parte do docente, o processo de ensino-aprendizagem fica a desejar.

Para Santos, França e Santos (2017), o professor deve estar em constante observação aos anseios e necessidades dos alunos cada vez mais inseridos na cultura digital. Isso significa que não basta apenas a unidade escolar estar recheada de tecnologias se elas não estão disponíveis para uso ou se os próprios professores não as percebem como instrumentos de trabalho. Ferreira (2022), ressalta que:

> A formação de professores em novas tecnologias permite que os educadores percebam a realidade, os interesses e as expectativas, como as tecnologias podem ser úteis a ele. O uso efetivo da tecnologia por parte dos alunos, passa primeiro por uma assimilação da tecnologia pelos professores. Além disso, o fato de só colocar computadores em uma escola raras vezes traz impacto significativo. Para atingir efeitos positivos, é fundamental considerar uma capacitação intensiva inicial e um apoio contínuo, começando com os professores e consequentemente estes poderão capacitar seus alunos. (FERREIRA, 2022, p. 66).

A formação dos professores para lida com novas tecnologias desempenha um papel crucial na capacidade dos educadores de compreender a realidade, os interesses e as expectativas dos alunos, bem como perceber como as tecnologias podem ser efetivamente incorporadas em sua prática pedagógica. A utilização eficaz da tecnologia digital pelos alunos está em grande medida associada à familiarização prévia dos professores com essas ferramentas.

É importante ressaltar que simplesmente disponibilizar computadores em uma escola raramente resulta em impactos significativos, certamente a maior evidência dessa assertiva seja

os inúmeros laboratórios de informática em desuso nas escolas. Para alcançar efeitos positivos, é essencial oferecer uma formação inicial intensiva e um suporte contínuo, inicialmente direcionado aos professores. Este processo capacitativo permitirá que os educadores, por sua vez, instruam e habilitem seus alunos de maneira mais eficaz no uso das tecnologias digitais.

CAPÍTULO III – TECNOLOGIAS DIGITAIS E ENSINO REMOTO: DESAFIOS DE

UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA E SUA ESCOLA NO CONTEXTO PANDÊMICO

Quando pensamos sobre a escola, possivelmente a primeira imagem que vem à cabeça é de uma sala de aula, carteiras, quadro, giz ou mesmo um quadro branco e logicamente a parte humana de todo esse espaço que são os professores, estudantes e demais profissionais que atuam na área.

Essa não é somente uma imagem fruto da imaginação, mas da vivência de décadas. Particularmente construí essa imagem ao logo dos quase 30 anos de profissão na Rede Estadual de Educação de Goiás. Posso dizer que já foram várias experiências no campo da educação que me propiciaram uma ampliação de visão de mundo em relação ao processo ensino aprendizagem em todas as etapas da educação básica.

A maior parte de todos esses anos foi na unidade em que atuo no momento, o *CEPI Matilde Margon Vaz*. Durante seis meses, tive a oportunidade de vivenciar uma breve experiência de escola integral na *Escola Estadual Madre Natividade Gorrochategui*, mas logo retornei para minha instituição atual. No decorrer desse tempo fiz complementação de horas de trabalho em outras Unidades Estaduais, mas a vivência maior sempre foi no *CEPI Matilde Margon Vaz,* mais conhecido como "*Instituto*".

Parafraseando Paulo Freire a escola é o lugar onde se faz amigos, onde cada funcionário, estudante é gente, portanto como o próprio autor diz em seu poema a escola vai além de prédios, salas, quadros e programas. A escola é o espaço das diversidades, dos conflitos, das paixões, de modo geral das subjetividades.

É no contato direto que professores e estudantes podem debater ideias, dialogar, discordar, enfim, a troca de experiências nessa relação é sempre frequente. Poder experienciar essa vivência é fundamental para a aprendizagem. Pois bem, imaginem toda essa dinâmica e complexidade, mudar de uma hora para outra. A ida para a escola, o caminho percorrido de casa até lá, o contato direto entre colegas, professores, diretor, coordenadores e demais profissionais, tudo comprometido pela existência de um vírus que veio assolar o mundo, deixando não somente vítimas fatais, mas também vítimas que foram afetadas em diversos aspectos além da saúde física e dos desafios para própria sobrevivência.

Segundo Leão (2021) no ano de 2020, o regime de isolamento social aconteceu devido à Pandemia de COVID-19. O referido autor, que também atua na educação, disse que nunca em sua carreira havia vivenciado tal realidade. A pandemia foi algo novo e avassalador para essa geração, diferente do que o então presidente Jair Bolsonaro afirmara a época, que se tratava apenas de uma simples "gripezinha". Leão (2021) qualifica as atitudes do então presidente

como desrespeitosa e preconceituosa, acrescentando a isso a falta de empatia com todos os profissionais, inclusive os professores. Nesse sentido, sempre colocava em foco os interesses econômicos dos grandes empresários.

Pela quantidade de vítimas fatais, realmente podemos concluir que foi muito além de uma "gripezinha", a pandemia afetou a vida das pessoas de forma geral, em diferentes aspectos e contextos. Leão 2021, deixa claro que:

> [...] vale lembrar que pandemia é algo mesmo novo, avassalador, diferente de uma "gripezinha", de doenças endêmicas ou de surtos de alguns vírus que chegam, causam doenças e mortes e desaparecem. Para que uma doença seja classificada como pandemia, primeiramente se leva em conta o grande número de mortes, as regiões que atingem e a velocidade como que chega e se espalha. Resumindo, pandemia é sinônimo de mortes, muitas, milhares delas, de territórios devastados por ela, onde muitos perdem a vida, em um tempo bem curto. (LEÃO, 2021, p. 37-38).

No contexto pandêmico, estava atuando como professora com uma carga horária de trabalho maior com a turma de 3º e 5º ano do Ensino Fundamental e complementava a carga horária com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, responsável pelo eixo temático específico em História, sendo que nas demais turmas do anos iniciais era responsável por ministrar todos os eixos temáticos.

Instalou-se com a pandemia uma nova modalidade de ensino, novidade compulsória que foi desafiadora e ao mesmo tempo desgastante. O ensino remoto trouxe consigo diversas questões que até hoje, e diria que por longo tempo, provoca reflexões. Conforme Garcia (2020), ensinar remotamente não é sinônimo de ensinar a distância. Para o ensino remoto há a necessidade de plataformas que não sejam necessariamente utilizadas no campo educacional. Garcia (2020), afirma que:

> Ensinar remotamente permite o compartilhamento de conteúdo escolares em aulas organizadas por meio de perfis [ambientes controlados por login e senha] criados em plataformas de ensino, como, por exemplo, SIGAA e MOODLE, aplicativos como Hangouts, Meet, Zoom ou redes sociais. Entretanto, é reconhecível que o ensino remoto comporta potencialidades e desafios, que envolvem pessoas, tecnologias, expertise e infraestrutura. (GARCIA, 2020, p. 5).

Para Alves (2020) o ensino remoto foi uma alternativa provisória para alcançar os estudantes em tempos de isolamento social. Tal modalidade de ensino se difere do Ensino a distância, tendo em vista que ele é regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Nós, profissionais da Unidade Escolar, privilegiada nessa pesquisa, tivemos que nos reformularmos para tentar encontrar novos caminhos de acesso aos nossos estudantes durante

esse período de pandemia do Covid-19, afinal o ensino remoto trouxe à tona muitas necessidades que antes estavam mascaradas como a falta de acesso à internet de grande parte da população de baixa renda; a falta de espaço adequado em casa para realizarem atividades escolares; o analfabetismo digital tanto dos alunos como dos profissionais pedagógicos, entre vários outros.

Para a concretização de tal ensino houve a necessidade de alguns recursos básicos dentre eles o acesso à internet, a um computador ou pelo menos um celular, tecnologias essas que parecem ser tão comuns na atualidade, mas que na prática de um ensino remoto se tornaram o grande gargalo para que o processo acontecesse. A realidade é que nem mesmo entre os profissionais esses recursos "básicos" eram sempre acessíveis. Os professores tiveram que se adaptar a um novo modelo de ensino sem preparo e em grande parte sem recursos próprios. Leão (2021) destaca o seguinte:

> [...] complicado e até assustador para a maioria dos professores ministrar aulas em suas próprias casas, com seus próprios recursos, tanto tecnológicos quanto didáticos, e vale lembrar que com essa pandemia e esse Corona vírus são algo novo de fato, nenhum profissional da educação, até então, foi treinado, estudou, ou recebeu orientações de como deveria proceder em período de isolamento. (LEÃO, 2021, p. 17).

Nesse contexto, um dos fatores mais desafiadores era saber se realmente o estudante estava presente nas salas virtuais que eram disponibilizadas via plataformas Zoom ou Google Meet, as fotos ou ausência delas na tela do computador por vezes nos transmitia incertezas de não aprendizado.

No título que Leão (2021) dá ao capítulo I de seu livro, "Educação e ensino remoto, como ensinar o que não foi aprendido?" expõe com precisão parte das preocupações que os professores assumiram. No decorrer desse capítulo, o autor adverte sobre o fato de não existirem teorias educacionais que tratem do tema referente a educação em tempos de pandemia. Isso é certo, tendo em vista, a não existência de nenhum manual que especificasse como proceder caso houvesse ausência recorrente de seus estudantes nas aulas online. Como advertir responsáveis ou pais pela falta de seus filhos nas aulas, se por vezes faltava até mesmo comida na mesa.

Relembro uma situação específica, uma foto enviada por um estudante para a coordenação da escola, quando cobraram sua participação numa das atividades em modo remoto. A foto mostrava o estudante sentado no chão de piso queimado, vestindo um short já bem gasto e sem camisa, com um prato de arroz branco, ele queria provar para a coordenadora que "estamos sem mistura", ou seja, que tinha preocupação maior naquele momento. Essa

imagem foi marcante e me deu uma noção exata da vulnerabilidade financeira de boa parte dos meus alunos. Gostaria de apagá-la da minha memória, mas infelizmente ainda não consegui. Esse foi apenas um caso, dentre vários outros. Como cobrar a realização de atividades pedagógicas quando a falta não era apenas de recursos técnicos ou plataformas digitais, mas de recursos vitais como comida, energia elétrica, gás de cozinha e outros recursos básicos para dignidade humana? Como argumenta Leão (2021):

> Diferenças socioeconômicas são sentidas na educação e obviamente refletirão no ato de aprender dos alunos que, se mal alimentados, com poucos recursos financeiros dos pais, sem condições de praticarem esportes, assistirem a uma peça de teatro ou a um filme no cinema, sem um aparelho de antena parabólica em casa ou com uma TV por assinatura, sem aulas particulares de uma língua estrangeira, ficarão geralmente atrás daqueles que porventura consigam essas estruturas mais adequadas, oriundas da família ou do sistema. (LEÃO 2012, p. 117).

Segundo Nunes (2021) a vida cotidiana com a pandemia mudou, até mesmo para aqueles que insistem em não considerar tal realidade. E isso é sobretudo, percebido no meio escolar, desde os relacionamentos interpessoais e nos afazeres pedagógicos. Não somos mais os mesmos. O referido autor faz uma análise interessante sobre esse período de pandemia e seus reflexos nas cidades, inclusive na cidade de Catalão.

Em relação aos aspectos emocionais, por exemplo, são inúmeros os casos de ansiedade entre os jovens e mesmo entre profissionais que surgiram ou se acentuaram durante esse período de pandemia e pós-pandemia. Tenho pessoas bem próximas que trabalham no ambiente escolar que atualmente ainda não conseguiram se libertar do uso das máscaras. O estranhamento de estudantes que só fomos conhecer o rosto no ano de 2023.

Durante a realização das aulas remotas a realidade vivenciada por nossos estudantes em suas casas foi escancarada, tendo em vista que a casa passou a ser também “sua escola”. Principalmente com as turmas de 3º e 5º ano, quando os mesmos nem sempre conseguiam deixar o áudio ou a imagem fechadas, expondo involuntariamente algumas vivências distintas. Presenciamos, por exemplo, muitas discussões e problemas familiares constrangedores que ocorreram durante as aulas, que foram transmitidos para toda turma pela captação de áudio e vídeo dos dispositivos usados pelos alunos.

É bem verdade que a realidade vivenciada por nossos estudantes se apresenta de algum modo na escola, não é algo exclusivo das aulas via Zoom ou Google meeting. A diferença é que durante o ensino remoto, os episódios ocorriam em tempo real, verdadeira exposição da vida privada. Os professores lidaram inclusive com a participação dos pais/responsáveis nas discussões e atividades propostas, alguns se achavam no direito de avaliar, criticar ou reprovar

alguma prática docente. Realidade essa mais frequente quando se tratava dos anos iniciais, por se tratar de vivências mais específicas.

Nesse período, é válido mencionar a presença de um governo com características negacionistas, que por vezes estimulava o acompanhamento sistemático das aulas, para ser mais preciso a fiscalização por parte dos responsáveis com o objetivo de averiguar o conteúdo e a atuação dos professores, não visando a qualidade de ensino, mas a repressão de ideias contrárias as suas. Instaurou-se com anuência do governo uma "perseguição" aos professores considerados por alguns como "doutrinadores", sobretudo contra os docentes dos eixos das Ciências Humanas, em especial os de História. De acordo com Miguel (2016):

> Desde 2014, vários projetos de lei têm sido apresentados, no Congresso Nacional e também nos poderes legislativos estaduais, com o objetivo de evitar "doutrinação ideológica" nas instituições de ensino. Eles ecoam as propostas da organização "Escola Sem Partido", que no mesmo período adquiriu grande visibilidade no debate público. O principal alvo é a reflexão crítica sobre questões de gênero, estigmatizada como "ideologia de gênero"; pelas propostas, qualquer questionamento aos papéis convencionais atribuídos a mulheres e homens estaria vetado. (MIGUEL, 2016, p. 597).

O projeto denominado "Escola sem Partido", deu eco ao conservadorismo que acusa professores e escolas de promoverem uma doutrinação ideológica, sobretudo em razão do fortalecimento das discussões de gênero. Nesse sentido, é restringido aos professores a possibilidade de expressar opiniões sobre os diversos tipos de assuntos. Esse movimento acabou alcançando não somente o ensino básico, mas também o ensino superior, onde os professores passaram a ser vistos como "doutrinadores de seus estudantes." São discursos difundidos e que demonstram características de privação da liberdade de expressão em pleno contexto social que se pretende democrático. Frigotto (2016) considera o projeto e o que ele representa como uma espécie de "mordaça" aos professores que desqualifica a educação pública. Porque parece ignorar a importância dos diálogos, conflitos, diferenças e diversidades numa instituição de ensino. É necessário que temas considerados polêmicos sejam pensados e discutidos em sala de aula junto aos estudantes.

Para o referido autor, tal desqualificação não aconteceu de forma gratuita e involuntária, ao contrário, tinha um propósito específico de criar instrumentos de controle da organização da escola pública. Segundo Frigotto (2016)

> Tão preocupante ou mais, tem sido o processo de desqualificar a educação pública, único espaço que pode atender ao direito universal da educação básica, pois o mundo privado é o mundo do negócio. Esta desqualificação não foi inocente, pelo contrário, abriu o caminho para a gestão privada ou com critérios privados da escola pública

> mediante institutos privados, organizações sociais etc. E, mais recentemente, para se apropriar por dentro, com a anuência de grande parte dos governantes, da definição do conteúdo, do método e da forma da escola pública. (MOURA, 2023, p. 11).

De acordo com Frigotto (2016) a proposta da "Escola sem Partido" vai bem mais além do que o campo educacional e pertence a um único partido, que ele caracteriza como único e absoluto, que por sua vez se torna excludente, onde o diferente não é considerado. Vale mencionar que a proposta dessa "Escola sem Partido" não é nova e apresenta consequências para o ensino de História. Para Moura (2023) tal proposta atinge o ensino de História à medida que tange a questões como respeito às diferenças, a formação de identidades e à história das relações de gênero.

A fundação do Movimento Escola sem Partido (MESP), de acordo com Moura (2023), remonta ao ano de 2003. A autora aponta como fundador o procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib, que se tornou o porta-voz, sendo convidado a divulgar informações nos diferentes meios de comunicação, apontando sempre o professor, como aquele indivíduo capaz de "doutrinar" os jovens estudantes a partir de seus discursos em sala de aula.

Moura (2023) destaca em sua pesquisa, o fato de o movimento querer transmitir uma mensagem de defensor de uma escola que não tenha a prática de disseminação político-ideológica. Ela adverte que Miguel Nagib tem vínculos com o think-tank liberal Instituto Millenium. Segundo Miguel (2016)

> Apesar do discurso do movimento tentar criar para si uma imagem de defensor da escola contra o que chama de contaminação político ideológica, o criador do movimento, Miguel Nagib, tem profundos vínculos com o *think tank* liberal Instituto Millenium, tendo sido por muito tempo articulista e depois um dos mantenedores do instituto. O Instituto Milenium é o principal *think tank* da direita brasileira, criado em 2006 e financiado por empresas nacionais e transnacionais, com eco na linha editorial de parte da grande imprensa e popularizada por jornalistas como Rodrigo Constantino. (MOURA, 2016, p. 23-24).

Nesse sentido, podemos observar que o movimento Escola Sem Partido, fundado em 2004 por Miguel Nagib, tem objetivos maiores que vão além do campo educacional. A escola pública torna-se aí partir daí, fruto de uma disputa de poder e interesses. O ensino remoto acirrou a lógica reverberada pelo projeto de Nagib de perseguição, repressão e fiscalização das escolas e professores, favorecido especialmente pelo contexto de polarização no âmbito político. Apensas para exemplificar, menciono um caso extremo que ocorreu numa escola privada em Goiânia, de uma professora de história que teve sua aula remota invadida por uma

mãe que de forma agressiva e desrespeitosa tentou desqualificar o trabalho da professora.[7] Apesar desse e de outros episódios é preciso registrar que os pais e responsáveis foram sujeitos importantes no processo de implantação do ensino remoto.

Mutz e Katz (2017) fazem um estudo sobre como a escola pública está sendo vista na sociedade contemporânea e como essa visão delineada apresenta justificativas para que aconteçam reformas, como por exemplo, a que foi feita no Novo Ensino Médio. De acordo com o estudo deles, o objetivo de todas as propagandas veiculadas nas mídias nos últimos tempos é fazer críticas, apresentando a ineficiência do ensino ofertado na educação básica e a partir daí, elaborar propostas de mudança seguindo orientações do Estado, dentro desse contexto o que poderia ser uma crise na educação? Para Mutz e Katz (2017)

> [...] são proliferações que acabam por naturalizar a ideia de que a educação – representada pela escola, o professor e o currículo – tem importância na nossa sociedade, mas sempre precisa ser reformada, ajustada, melhorada, reinventada. A questão do currículo pode muito bem ser exemplificada por essa mesma MP do Ensino Médio, que pretende novamente modificar cargas horárias e hierarquizar disciplinas como mais ou menos importantes. Ainda poderíamos lembrar da discussão da BNCC que, além de levantar muita polêmica, se insere no mesmo contexto de sucessivas alterações que vêm sendo apresentadas como imperativos da educação brasileira. (MUTZ; KATZ 2017, p. 189).

Seria interessante, nesse momento, refletirmos a quem a Educação interessa e a quais são os seus objetivos e o papel que as mídias têm na divulgação de informações. Para Libâneo (2007) a escola continua sendo insubstituível e quem não usufruir dela não tem acesso às condições intelectuais e políticas de avaliação crítica da informação, de produção de conhecimento, de participação nos processos decisórios da sociedade.

De acordo com Moura (2016), o assunto referente a Escola sem Partido não deve se restringir à dimensão político-partidária, para a autora a questão é bem maior, tratando-se de uma disputa entre uma sociedade mais progressista e outra mais conservadora. Para a referida autora se faz necessário a relação entre a "Escola sem Partido" e a Base Nacional Curricular Comum e a reforma do Ensino Médio. Na conclusão de sua pesquisa, Moura (2016), traz reflexões importantes sobre o silenciamento de determinadas discussões e temas nas aulas de História, como cultura afro-brasileira e as questões de gênero nos planos de Educação,

[7] Disponível em: https://www.maisgoias.com.br/politica/mae-interrompe-professora-de-goiania-para-dizer-que-existe-fraude-na-urna-eletronicaa/ Acesso em: 04/02/2024.

silenciamento esse que se tornou mais frequente frente ao ensino remoto.

Quando se pensa em democracia, um dos primeiros aspectos é a liberdade de expressão. Democratizar o ensino passa por oportunizar aos estudantes a possibilidade de estudar com qualidade diferentes assuntos, priorizando a troca de experiências, o acesso a diferentes instrumentos e recursos que favoreçam sua aprendizagem, inclusive incentivando o diálogo.

É no espaço da escola que se configuram inúmeras diversidades, nos diferentes campos sejam eles sociais ou econômicos, talvez seja daí a resposta que possa se dar, ao fato de a escola ter tanta importância aos olhos da sociedade, principalmente aos olhos do governo. Para Mutz e Katz (2017), a escola ainda é uma instituição fundamental na disciplinarização dos corpos contemporâneos e se apresenta como capaz de ensinar o autogoverno por meio da disciplina. Nesse sentido, poderia se explicar a disputa pelo controle da educação, e os uso de tecnologias aplicados para tal finalidade. Segundo Rocha (2008):

> Ao veicularem interessantes e interessados discursos, os meios de comunicação instituem e fazem circular verdades e representações, constituem nossas subjetividades e indicam as formas possíveis de como devemos ver e compreender o mundo em que vivemos. É principalmente através da mídia e do uso de variadas técnicas e tecnologias que se exercitam jogos de poder pelos quais estamos sendo sempre mais enredados e governamentalizados. Portanto, a mídia, ao veicular, organizar, definir, selecionar, construir uma determinada teia discursiva, utiliza-se de regras que acabam por, através de minuciosas e detalhadas operações, produzir algumas das verdades que, de algum modo, regulam nossos comportamentos e modos de agir e ser no mundo. (ROCHA, 2008, p. 127).

Estaríamos então realmente vivenciando uma crise na Educação ou poderíamos dizer que essa suposta crise atende a alguns interesses específicos. No caso das mídias e o seu papel, seriam elas utilizadas para controle e talvez suposta vigilância do que ocorre nas vivências escolares?

Se o papel da ciência histórica é a instrumentalização política, como aponta o pensamento de Vieira (2021), como desenvolver tal habilidade em um contexto em que além de falta de estruturas necessárias para a realização de um bom trabalho pedagógico, ainda temos que lidar com situações que vão além de questões técnicas ou estruturais. Vieira (2021) destaca:

> Volto a indagar, como lidar com a instrumentalização política do passado e a disseminação de canais, páginas e outras mídias que evocam um passado idealizado, utópico e politicamente gestado para constranger e deturpar o conhecimento acadêmico e científico, se estamos vivendo uma pandemia e o acesso aos alunos e alunas, em especial da rede pública de ensino, tornou-se precarizado? (VIEIRA, 2021, p. 114).

Retornando ao contexto do ensino remoto, precarizado também era a realidade de grande parte dos trabalhadores em Educação. Chamados ao trabalho sem os necessários equipamentos técnicos, trabalharam mais do que a carga horária estabelecida, atendendo pais, responsáveis e o próprio grupo gestor fora do horário de trabalho. A criação dos grupos de WhatsApp, umas das alternativas para comunicação, tirou o tempo de descanso dos professores, os inúmeros recados e mensagens que chegavam a todo momento os colocaram a todo momento disponíveis. Ainda assim, os docentes foram por vezes acusados de estarem recebendo sem "sem trabalhar".

Em relação aos professores, ficou claro sua desvalorização durante a pandemia, a atenção a saúde, por exemplo, não foi uma prioridade. Por vezes a exaustão era presente, no caso das mulheres e mães, principalmente, pois o trabalho da escola se misturou completamente com o trabalho doméstico. Fazer almoço atendendo dúvidas de país e alunos no WhatsApp, ajudando os próprios filhos nas suas atividades escolares. Além de tudo o medo avassalador de contrair o vírus ou perder um ente para doença, diante do grande número de pessoas infectadas. Vieira (2021) destaca

> [...] sobrecarga que se concentra de forma desigual sobre as mulheres, sem contar o crescimento da violência doméstica. O ensino remoto é também marcado por soluções improvisadas a partir de esforços individuais que acabam por sobrecarregar o trabalho docente, além das dificuldades na produção de materiais didáticos e exposição de sua privacidade. (VIEIRA, 2021, p. 114).

Leão (2021) enfatiza sobre problemas relacionados a saúde mental como sendo um dos principais problemas enfrentados pelos professores que por vezes perdiam o sono ou tinham crises de ansiedade e até mesmo de stress. Esses fatores geraram desmotivação frequente em relação ao trabalho, essa situação ainda é perceptível tendo em vista grande parte de profissionais que passou a tomar medicamentos para continuar trabalhando. Outro tipo de adoecimento causado ou intensificado pelo ensino remoto está relacionado aos problemas de visão. O autor constata que "Professores com 40, 50 anos ou mais se exporem assim à tela do computador! Os que já tinham problemas de visão aumentaram certamente sua miopia, os que não tinham adquiriram ou passaram a sofrer irritações nos olhos e dores constantes nos mesmos" (LEÃO, 2021, p. 115)

Em se tratando das heranças deixadas pela pandemia e ensino remoto é reservado aos profissionais da educação a tentativa de resgate ao que s convencionou chamar de "tempo perdido". Aprendemos muito com a modalidade de ensino, mas os assombros deixados pela mesma ainda nos rondam, não somente em relação a dor da saudade pelos entes queridos que

se foram vítimas fatais do tal vírus, mas também pela lacuna enorme de não aprendizado que ficou em nossos estudantes, certamente que mitiga pelo uso das tecnologias durante o período que permitiram algum tipo de relação, mas ainda assim insuficiente suprir toda dinâmica e rotina de uma escola.

A evasão escolar, que já era um problema recorrente nas escolas públicas, alcançou índices alarmantes no contexto pandêmico com ensino remoto. As desigualdades sociais nesses períodos de crises, demonstrou mais uma vez de forma bastante evidente no campo educacional que a corda acaba arrebentando do lado mais fraco.

Pagar um plano de internet e ter dispositivos digitais para atender a demanda de mais de um estudante por família, não foi possível a todos. O estado de exceção não permitiu aos gestores planejarem a implantação do ensino remoto, simplesmente foi imposto como um desafio a ser superado aos profissionais da Educação goiana. Esse modelo de ensino, como tantos outros que já passaram pelas unidades escolares, foi mais um dos projetos que dependia mais do engajamento da equipe de cada unidade escolar do que de seus idealizadores e recursos destinados para a implementação. Não foi necessariamente a emergência do ensino remoto que provocou o descompasso das instituições de ensino em relação ao uso das tecnologias digitais, o descompasso já existia como uma incomoda presença para muitas escolas não viam ou não queriam ver, o contexto pandêmico apenas escancarou seu tamanho e fez como que não pudesse mais ser ignorado. A carência de Investimento pífio em tecnologias, qualificação adequada para professores, condições mínimas de trabalho, local apropriado, entre outras já eram realidade na maioria das escolas públicas de Goiás.

Diante dessa realidade, foi importante o engajamento dos professores para minimizar os efeitos deletérios da pandemia nas escolas, ainda assim nem tudo pode ser resolvido apenas com altruísmo. Nesse sentido, Leão (2021) ressalta que:

> [...] as tecnologias da informação, tão importantes e necessárias no auxílio à prática pedagógica, também não foram disponibilizadas aos professores e aos alunos, as utilizadas, claro, foram a partir de seus próprios recursos, adquiridas com seus próprios esforços e condições financeiras, diante disso, as famílias menos abastecidas não conseguiam que seus filhos e filhas pudessem acompanhar ou ter uma educação no mínimo aceitável, mesmo em tempos de pandemia. (LEÃO, 2021, p. 120).

Para Martins (2022) a Educação em tempo de pandemia serviu como uma ferramenta que pode ser utilizada para fazer uma leitura das desigualdades regionais existentes, demonstrando principalmente o processo de exclusão dos alunos do acesso às tecnologias digitais. Pensar ou acreditar que a internet é uma realidade que alcança a todos é ilusório.

Há um abismo de recursos financeiros e investimentos que são disponibilizados nas redes públicas de ensino em relação a rede privada de educação. Fato esse que afeta a implementação de projetos tecnológicos de cunho pedagógico. Por vezes, para realização de alguma atividade que envolva além de cadernos, lápis e outros, é necessário que os estudantes improvisem ou que os professores financiem do próprio bolso (TEIXEIRA, 2022). O ensino remoto na rede pública de educação só aconteceu em virtude do engajamento dos professores e demais integrantes da escola. O que significa dizer que os diversos profissionais que atuam na rede pública de Ensino fizeram mágica com o minguado recurso disponibilizado, continuam a fazer com essa e outras demandas, em se tratando de uma escola de tempo integral então, os desafios se multiplicam.

O contexto de pandemia e ensino remoto, apesar de recente foi alvo de análise de vários pesquisadores, dentre eles podemos destacar Ribeiro (2022), que investigou a situação na realidade do município de Goiânia. O autor evidenciou o silenciamento dos professores em relação as práticas e normas estabelecidas pelo governo nesse período. Na cidade de Catalão não foi diferente, fomos silenciados não somente sobre o ensino remota aplicado em tempos de pandemia, essa é uma realidade frequente e latente em nosso meio. Somos silenciados inúmeras vezes, principalmente quando abarcamos projetos, leis e emendas que ao invés de trazer melhorias para o ambiente de trabalho, acaba resultando em mais desgaste físico, mental ou por cumprimento de metas estabelecidas a serem atingidas a qualquer preço.

O autor argumenta que não nos quiseram falando e eu acrescentaria que ainda não querem, porque a nossa fala traria à tona diversas realidades que são mascaradas no cotidiano. O que se percebe é que muitos projetos que são pensados no meio Educacional são frutos de quem não vivencia a realidade de uma Educação voltada ao atendimento de Ensino básico. O que Ribeiro (2022) registrou ainda faz sentido para nossa realidade pós-pandemia, mesmo com o retorno ao ensino presencial:

> [...] O silenciamento dos professores foi o que mais afastou as proposições de sua verdadeira efetivação. Entrou e saiu semana com professores planejando e engavetando aula, somente recebendo ordens, jamais sendo perguntados. Nem direi ouvidos, pois, a simples tentativa de esboço de um questionamento, numa relação saudável de diálogo, já gerou certo clima de pânico, seguido de um certo ensurdecimento. Não nos quiseram falando, colaborando, construindo o processo, perguntando. Nós os sujeitos protagonistas do ensino, fomos silenciados e anulados. (RIBEIRO, 2022. p. 2017).

Outra situação preocupante que se acentuou no ensino remoto, foi a necessidade de combater informações falsas que se proliferaram vertiginosamente em decorrência das

discussões políticas extremamente polarizadas. Os ecos desses acirrados debates sobre vários temas polêmicos e sensíveis chegaram de forma calorosa nas aulas de história, inclusive sobre a própria pandemia e a corrida pela vacinação. Certamente o contato mais próximo, de toda comunidade escolar, com o dilúvio de informações e ruídos que circularam nas diversas redes sociais e mídias digitais, alterou de certo modo a dinâmica das aulas de história. O pesquisador Vieira (2021, p. 116) nos chama a atenção sobre como se tem articulado na sociedade movimentos anti-ciência e a intensificação de negacionismos históricos e sua escalada durante a pandemia.

Foi um desafio, ainda não totalmente superado, aprender a mediar o processo de construção de conhecimento histórico na sala de aula virtual/presencial, por meio das notícias sobre os mais variados temas que circulam nas mídias digitais. Aprender a analisar essa material de forma crítica, questionando sempre sua veracidade para tentar apreender as intenções por trás de cada forma de representação. Os professores que atuam nas áreas das Ciências Humanas se viram impelidos a instrumentalizar os estudantes não somente para uso dos recursos tecnológicos, mas principalmente para aprender a navegar no mundo digital desfrutando de seus benefícios e potencialidades, sem naufragar no mar de fake News.

3.1 Relato de experiência do PIBID-história/UFCAT na modalidade de ensino remota, no então Instituto Matilde Margon Vaz.

Difícil será esquecer o tão assombroso ano de 2020 marcado por histórias diversas devido a presença do Covid-19 e todas as situações novas que ele nos fez vivenciar, nos diferentes setores da sociedade, inclusive na Educação. O termo ensino remoto passou a fazer parte do nosso vocabulário e das nossas práticas. A situação de pandemia nos levou a necessidade de isolamento social. No Brasil, a experiência traumática teve um agravante, a liderança de um governo que desconsiderava/negava os conhecimentos científicos sobre a questão sanitária tão fundamentais naquele momento.

No âmbito estadual e municipal, surgiram uma profusão de decretos que visavam alterar o estilo de vida e adaptar as atividades cotidianas no sentido de conter o crescente número de contaminados pelo vírus de Covid-19 e consequentemente diminuir as vítimas da doença que se mostrou altamente letal. Esse cenário fez com que a Secretaria de Educação do Estado de Goiás elaborasse estratégias específicas para comunidade educacional no estado, que por vezes entrou em conflito com as medidas locais da cidade de Catalão.

A Educação possivelmente foi uma das áreas mais afetadas durante esse período de

pandemia, os professores e estudantes tiveram que ressignificar os vínculos e as relações interpessoais. Foram enormes desafios a serem pensados e nem sempre superados. Para Costa; Matos; Silva (2022) o Ensino Remoto Emergencial é uma forma mais precarizada do que a Educação à Distância, isto porque todos os recursos necessários a aplicação das aulas, passa a depender da adequação de espaços e recursos financeiros para a aplicação das videoaulas sejam elas síncronas ou gravadas. Nesse caso, recai sobre os professores, a disponibilização desses espaços e aquisição dos recursos.

Naquele momento de muita transformação da vida em sociedade de forma geral e da vida escolar de forma específica, tive oportunidade de me tornar professora supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do subprojeto de História da Universidade Federal de Catalão. O PIBID surge como uma iniciativa crucial, visando não apenas preparar futuros professores, mas também promover uma abordagem inovadora e eficaz no processo educacional. O programa de formação de professores compreende que a Educação desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A proposta do PIBID foi dar oportunidade para que os professores em formação vivenciassem a prática docente desde a fase inicial de sua formação acadêmica específica. Por meio dessa experiência, os participantes tiveram a chance de integrar teoria e prática, desenvolvendo habilidades pedagógicas, didáticas e sociais essenciais para a condução de uma sala de aula.

Um dos pilares fundamentais dessa edição do PIBID foi a aproximação entre a academia e a realidade escolar. Os participantes foram inseridos em ambientes educacionais diversos, permitindo-lhes compreender as demandas e desafios do contexto escolar. Essa imersão proporcionou uma visão mais ampla e aprofundada da complexidade do ato de ensinar, contribuindo para a formação de profissionais mais conscientes e preparados para o ofício da docência.

Durante essa edição do PIBID-História UFCAT, buscamos incentivar a pesquisa e a reflexão constante sobre as práticas de ensino de história. Os participantes foram estimulados a investigar métodos inovadores, avaliar o impacto de suas ações e buscar soluções criativas para os desafios educacionais. Essa abordagem reflexiva contribuiu não apenas para o desenvolvimento pessoal dos futuros professores, mas também para a construção de um ambiente escolar mais dinâmico. Outro aspecto crucial do programa foi a promoção da interdisciplinaridade e da colaboração entre os participantes. Ao trabalharem em equipe, os futuros docentes aprenderam a integrar diferentes áreas do conhecimento, enriquecendo assim

suas práticas pedagógicas. A troca de experiências e ideias favoreceu o surgimento de abordagens inovadoras e estimulou um ambiente de aprendizado contínuo.

O Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência, representa um investimento valioso no futuro da Educação. Ao proporcionar aos estudantes a oportunidade de vivenciar a prática docente de maneira efetiva e reflexiva, o PIBID contribuiu para a formação de profissionais comprometidos, criativos e capazes de enfrentar os desafios do sistema de educação. Essa experiência também influenciou positivamente a qualidade da Educação oferecida, construindo alicerces para integração do ensino superior com a educação básica, enfim foi uma experiência de enriquecimento para as partes envolvidas.

Foram 18 meses de atividades no PIBID-História UFCAT, na condição de Professora Supervisora de 10 estudantes do curso de história. Várias atividades foram desenvolvidas nas aulas de história do *Instituto de Educação Matilde Margon Vaz* de outrora, atual *CEPI Matilde Margon Vaz*. Experiência que proporcionou aos envolvidos bastantes aprendizado, sobretudo porque foi a primeira vez que o projeto foi realizado de forma totalmente remota, da seleção dos participantes até a entrega dos relatórios finais e encerramento.

Todos os envolvidos no PIBID-História UFCAT daquela edição participavam do programa pela primeira vez, desde os alunos voluntários e bolsista até os coordenadores de área. Foram inúmeras situações novas que geraram um clima de incertezas sobre os próximos passos a seguir. Éramos um grupo de desconhecidos, que se conheceram apenas pela tela no Google Meet, que poucos sabia sobre o programa de iniciação à docência, mas se viram obrigados a conduzir o trabalho numa escola campo desconhecida pela maioria, numa modalidade de ensino que ninguém havia testado até então. Todavia, o grupo se envolveu com compromisso e responsabilidade para fazer a experiência funcionar da melhor forma possível.

Outra novidade daquele período foi a transição da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG) para a autônoma Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Esse processo de transição gerou muitas dificuldades em relação as práticas e própria gestão do PIBID, sobretudo porque foi também a primeira edição de PIBID Institucional, conduzido de forma autônoma pela UFCAT, sem qualquer vínculo com a UFG.

Todo processo de formação, imersão e de construção de intervenções se deu totalmente de maneira remota, desde o primeiro contato com o público-alvo do núcleo, ou seja, os alunos da escola, até o desenvolvimento dos projetos pedagógicos realizados. O único contato presencial, foi no dia da formatura da turma do 5º ano, momento de flexibilização do isolamento social para alguns eventos específicos, ainda assim nem todos se sentiram seguros para participar da cerimônia.

Todo o projeto foi desenvolvido através de encontros e aulas pelo google Meet, ou seja, pela mediação das tecnologias digitais. O projeto teve que ser pensado de forma bem diferente de todas as edições precedentes com o objetivo de alcançar o máximo de estudantes. Para Nunes e Assunção (2022) os bolsistas e voluntários apreenderam a necessidade de flexibilizar seus planejamentos tendo em vista as diversas situações inusitadas inclusive a minha própria modulação na escola que sofria alterações frequentes.

Para definição do melhor caminho a seguir em relação as atividades que seriam viabilizadas, optamos por trocar experiências com quem já tinha passado por outras edições do PIBID, contato que nos permitiu conhecer boas práticas no Ensino de História, mas acima de tudo familiarizar com as ferramentas tecnológicas que posteriormente seriam utilizadas pelo grupo com os alunos na escola. Essa etapa de formação se deu a partir de leituras, minicursos e contribuições de professores pesquisadores e "ex-pibidianos" convidados. Segundo Assunção e Nunes (2022)

> [...] procuramos experimentar práticas do ensino de história que articulassem formas de se transcender e desnaturalizar a perspectiva tradicional, conteudista, cronológica, quadripartite, consagrada a fatos canônicos, universal, elitista, etnocêntrica, cristalizada e eurocêntrica da história. Exploramos sempre que possível a dimensão da história local, para os alunos se apoderarem de referências culturais que lhes permitissem conhecer melhor a cidade e região, transformando as suas relações, para se situarem "no presente, no contemporâneo, numa relação de continuidade e compartilhamento com os feitos e fatos do passado, com os homens do presente e/ou com o homem/humanidade em geral". (ASSUNÇÃO e NUNES, 2022, p. 89).

Contornando os obstáculos o PIBID-História/UFCAT conseguiu resultados interessantes com o ensino remoto, executou propostas interessantes para o ensino de história com os estudantes do ensino fundamental, a despeito das adversidades. Os professores em formação conseguiram através das tecnologias digitais explorar várias plataformas e ferramentas como *Padlet*, *Whorkspace*, *Mentimeter*, *Flipgrid*, *Canva* e muitas outras que permitiram interação entre os discentes, contato com fontes históricas e produção de conteúdo para e com as turmas de 5º e 8º ano do fundamental do *Instituto de Educação Matilde Margon Vaz*.

O subprojeto da área de História, denominado *Saberes, práticas educativas e formação de professores na UFCAT,* norteou todo o percurso de planejamento. O núcleo, formado por mim, pelos coordenadores de área e alunos bolsistas e voluntários do curso de história, desenvolveu dois importantes projetos de ensino, que foram incluídos no Projeto Político Pedagógico da escola campo, para o ano de 2021.

O primeiro chamado *Historia-se: mergulhando em patrimônios e memórias*, tinha como

finalidade trabalhar Educação Patrimonial no Ensino de História, para pensar e problematizar os monumentos, objetos, práticas, saberes, fazeres, expressões culturais e outras formas de manifestações de valor histórico e patrimonial presentes no cotidiano dos estudantes. Esse projeto abriu espaço confortável para manifestação da diversidade cultural entre os próprios alunos da turma. Apenas para exemplificar uma aluna indígena apresentou práticas de sua etnia que considerava como património cultural do seu povo. Outro aluno imigrante também apresentou virtualmente dança típica de sua nacionalidade. Durante essa interação foi possível trabalhar diferentes lugares de memória que rodeiam as crianças, e permitir uma aproximação mais consciente entre suas vidas com a história, memória e patrimônio local.

O segundo projeto de ensino desenvolvido, foi intitulado *História preta: relações étnico-raciais, perspectivas históricas e protagonismo negro*. A proposta do núcleo foi trabalhar com os estudantes, o protagonismo das populações negras na história, especialmente a partir do pós-abolição, para conhecer, valorizar e conferir visibilidade as diferentes manifestações artísticas, intelectuais, políticas e culturais das populações afro-brasileiras. O projeto surgiu das reflexões do núcleo sobre o problema do racismo, que impulsionou o debate público naquele momento. Os professores em formação conseguiram via tecnologias digitais aplicadas para alcançar os objetivos do projeto, analisar historicamente as tensões do tempo presente, despertaram o interesse dos alunos sobre o tema e ensinaram história e cultura afro-brasileira, sem negligenciar os povos indígenas, atendendo mesmo no formato remoto as exigências da lei 11.645/2008.

Os alunos do *Instituto Matilde Margon Vaz,* aprenderam história durante esse período pandêmico, através de vários recursos tecnológicos que foram elaborados e aplicados para o ensino de história. Fizemos um Podcast, jogos digitais, canal no Youtube, produção de vídeos, slides, trabalhamos com História em quadrinhos, plataformas de ensino, criamos questionários e quizzes, e outras tantas alternativas, tudo com o foco de aproximar os alunos das comunidades tradicionais, da atuação dos negros na região ao longo do tempo, e do patrimônio local. Em todas as ações se buscou oferecer contato, ainda que pela tela, a diversos tipos de fontes históricas, por considerar que "o trabalho com fontes é tão importante para as aulas de história quanto são as experiências em laboratório para as aulas de química, física ou biologia". (ASSUNÇÃO e NUNES 2022, p. 90).

Esse período de reflexão, produção e atuação no PIBID-História UFCAT, foi importante para os professores em formação, mas também foi essencial para mim, porque me possibilitou repensar as minhas práticas, as concepções de história que orientam as minhas aulas, mas principalmente me ajudou a construir outro tipo de relação com as tecnologias digitais.

Certamente o contato com os acadêmicos do curso de história da UFCAT, surgiu em boa hora, pois naquele conturbado momento pandêmico e de ensino remoto, serviu para me desarmar para as possibilidades que as tecnologias digitais oferecem e me encorajar para explorar todo recurso que servir para fortalecer o Ensino e a aprendizagem histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O emprego das tecnologias digitais e a mediação pedagógica constituem um processo educativo. Para que esse processo ocorra de maneira eficaz, é essencial que haja uma interconexão entre professor, escola, sociedade e aluno. É fundamental que o aluno seja colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a construção do conhecimento por meio da incorporação das tecnologias digitais. Isso deve ser feito sem desconsiderar o conhecimento prévio de cada aluno, utilizando-o como ponto de partida para o desenvolvimento do saber.

Essa pesquisa destacou a relevância da tecnologia digital no ambiente escolar, desempenhando um papel significativo no processo de ensino e aprendizagem. A incorporação das tecnologias digitais na sala de aula proporciona aos estudantes a habilidade de utilizar essas ferramentas para além da escola, na sua vida cotidianas.

Ao observar a experiência histórica da escola CEPI Matilde Margon Vaz, podemos constatar que nenhuma tecnologia pode substituir integralmente o papel do educador na sala de aula. Pois serve como algo complementar, como um suporte e apoio as metodologias educacionais. A função docente continua ainda mais essencial diante da profusão de dispositivos e da cultura digital.

Para adotar as tecnologias digitais no cenário educacional, o professor deve assumir o papel de orientador, atuando como mediador e não detentor absoluto do conhecimento. Os alunos conduzem suas próprias pesquisas em busca de conhecimento com autonomia, mas a presença e mediação docente permite uma relação mais proveitosa, segura e salutar nesse mundo conectado. Além disso, é crucial que o professor, na abordagem de qualquer temática histórica, utilizando qualquer ferramenta digital, consiga aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes para que o ensino faça sentido para eles.

Procuramos demonstrar além das vantagens do uso das tecnologias digitais na escola, alguns impactos negativos para a rotina escolar tanto para os professores, quanto para os alunos. Em outras palavras tentamos apresentar as tecnologias digitais em sua ambivalência, ou seja, ao mesmo tempo que favorece as práticas educacionais também podem prejudicar, tudo depende do modo como as instituições de ensino e sua comunidade lidam com elas. Nesse sentido, um ponto importante para ampliar as boas práticas e mitigar os usos deletérios para o ensino, passa pela capacitação docente, através de formação continuada que permitir conhecer as ferramentas disponíveis que podem transformar as suas práticas pedagógicas. A capacitação dos professores se desdobra em conscientização dos alunos quanto aos benefícios e malefícios

do mergulho no mundo digital. Para que consigam ao navegar pela ciberespaço, sempre que possível, conciliar os temas estudados em sala de aula com seus interesses pessoais.

Colocando nossa própria atuação como alvo desse estudo, identificamos que é essencial enfrentar o medo do novo e os desafios e dificuldades impostos pela própria natureza de cada recurso digital que se torna disponível para uso. Criar aversão, ficar alheio ou estático diante do movimento que ocorre no mundo, sem nunca ter testado, pode gerar prejuízos pessoais e impactos irreversíveis para os alunos.

Além disso, é relevante que o professor reconheça a necessidade de atualizar suas abordagens pedagógicas, mais adequadas ao novo tipo de aluno que a cultura digital tem promovido. É imperativo que o professor esteja preparado para atendê-los. Portanto, pode-se concluir que o ambiente escolar está mergulhado na cultura digital, sobretudo após a pandemia de covid 19, esse fato se desdobrou em transformações que exigem da escola e dos seus profissionais outra postura.

Uma postura que não simplesmente negue ou resista a cultura digital, mas que reflita sobre ela e a utilize estrategicamente. Que consiga compreender a melhor maneira de lidar com todo seu complexo conjunto de conceitos, ideias e práticas que se reproduzem em sites, redes sociais, artefatos digitais e suas diversas formas de interações virtuais. Estamos vivenciando um momento na história em que as tecnologias digitais não podem mais ser consideradas apenas como ferramentas, porque participam, atuam e moldam nossa cultura. A necessidade de questionamento e posicionamento crítico é premente, especialmente porque essas tecnologias estão se tornando cada vez mais presentes e imperceptíveis em todos os âmbitos da vida em sociedade.

As tecnologias digitais têm influenciado estilos de vida, modelos de negócios, produção e consumo cultural como música, entretenimento, comércio e educação. Blogs, redes sociais como Facebook e Twitter, inúmeros aplicativos para smartphones e tablets, canais como YouTube e a enciclopédia online Wikipedia, bem como plataformas e modalidades de educação a distância, são apenas alguns exemplos de espaços, artefatos e dispositivos no universo digital que estimulam novas formas de compreensão e interação com o mundo.

No que tange ao ensino de História a inserção de tecnologias digitais no ensino de história representa uma mudança significativa no paradigma educacional, oferecendo inúmeras oportunidades e desafios. Ao longo dos anos, a tecnologia transformou a forma como os alunos acessam, interagem e absorvem informações históricas, proporcionando uma experiência de aprendizado mais dinâmica e envolvente.

A utilização das tecnologias digitais, como simulações interativas, vídeos, jogos

educativos e plataformas online, amplia as possibilidades de tornar o estudo da história mais acessível e interessante para os estudantes. Essas ferramentas não apenas cativam a atenção dos alunos, mas também permitem uma abordagem mais prática e participativa, estimulando o pensamento crítico e a análise contextual.

A internet e os acervos digitais oferecem um vasto repositório de fontes históricas de diferentes temporalidades, permitindo que os alunos tenham contato com diversas perspectivas e interpretações históricas. Isso promove uma compreensão mais ampla e crítica dos eventos passados, incentivando a pesquisa independente e a construção do conhecimento.

Contudo, é crucial abordar os desafios associados ao uso das tecnologias digitais no ensino de história. É necessário garantir que as informações disponíveis sejam confiáveis e que os alunos desenvolvam habilidades de avaliação crítica para discernir entre fontes confiáveis e questionáveis. Além disso, é preciso garantir a inclusão digital para evitar disparidades no acesso às tecnologias.

Nossa experiência através do PIBID-História UFCAT, de forma geral, nos fez entender que há vantagens e desvantagens do uso da tecnologias na sala de aula e que precisamos problematizar o seu uso. Todavia, as tecnologias digitais desempenham um papel transformador no ensino de história, proporcionando uma experiência educacional mais envolvente e aberta. O professor de história em parceria com os alunos pode maximizar os benefícios dessas ferramentas, garantindo que elas contribuam para a formação de estudantes críticos, informados e preparados para compreender historicamente sua realidade.

O CEPI Matilde Margon Vaz, como parte da rede pública estadual de educação básica, continuará desempenhando sua função na cidade de Catalão-GO. São décadas de contribuição para educação de inúmeras pessoas que passaram por lá, ao longo desse período muitas e difíceis transformações ocorreram, como vimos, a escola mudou de nome, mudou de lugar, mudou de forma, experimentou diferentes modalidades de ensino e segue firme para cumprir seu papel junto à comunidade na construção de uma educação de qualidade. Nos orgulhamos de fazer parte dessa história, olhar para suas experiências sobretudo através desse recorte da relação com as tecnologias digitais, nos fortalece, renova e dá expectativas interessantes apesar de todas as pedras pelo caminho. Certamente seguirei, após a pesquisa e esse período de formação no PPGH-MP da UFCAT, mais consciente da minha responsabilidade e atuação como professora de história e preparada para os desafios vindouros que as tecnologias digitais nos demandarão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, I. A. E, PASSOS, Elizete. A Tecnologia Como Caminho Para Uma Educação Cidadã. **Cairu Revista**, Salvador, jan. 2014. Disponível em: http://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014/Artigo%20A%20TECNOLOGIA%20COMO%20CAMINHO%20PARA%20UMA%20.EDUCACAO%20CIDADA. Acesso em: 30 de junho 2023.

ALMEIDA, F. J. de. **Educação e Informática: os computadores na escola**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

ALVES, L. **Educação Remota: Entre a Ilusão e a Realidade**. Educação, Aracaju, v. 8, n. 3, p. (348 - 365), 2020. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251. Acesso em: outubro de 2023.

ALVES, M. F.; TOSCHI, M. S.; FERREIRA, N. S. R. **A expansão dos colégios militares em Goiás e a diferenciação na rede estadual**. **Retratos da Escola**, v. 12, n. 23, p. 271–288, 2018. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/865 . Acesso em: 21 setembro. 2023.

BACICH, Lilian. NETO, Adolfo Tanzi. TREVISANI, Fernando de Mello. Obra**: Ensino Híbrido: personalização e tecnologia da educação**. Revista Thema: 2015. Volume 14. Nº 2

BAROM, W. C. C. **Didática da história e consciência histórica: pesquisas na pós-graduação brasileira [2001-2009].** 2012. Dissertação [Mestrado em Educação] – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2012. Disponível em: https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1342/1/WILIAN%20CARLOS%20CIPRIANI%20BAROM. Acesso em: 15 setembro. 2023.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. p. 67-132

BELLONI, M.L. (1992). **Programa Formação do Telespectador. Kit de materiais impressos e vídeo**. Brasília: UnB/CIE

BUENO, J.L.P. **Tecnologias da EaD aplicadas a educação presencial**. Florianópolis, SC: UFSC, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Cláudia Lúcia; MATOS, Patrícia Francisca de; SILVA, Ana Lúcia. Pibid geografia da Universidade Federal de Catalão: Experiências em tempos de Pandemia de COVID-19. Cap. V. Org.: SANTOS, Marcia Pereira dos; SOLLAZZI. José Luís. **O Pibid / UFCAT**: Experimentações de Formação Docente em tempos de Pandemia. Rio de Janeiro. 2022

DU GAY, Paul. **Doing cultural studies: the story of the Sony Walkman**. **(Praticando estudos culturais: a história do walkman da Sony)**. Trad. Leandro Guimarães, Marília Braun e Maria Isabel Bujes. London: Sage Publications/ The Open University, 1997.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. Cultura digital e escola: Pesquisa e for- mação de professores. FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (Org..). **Cultura digital e escola**: pesquisa e formação de professores. Campinas: Papirus, 2012.

FANTIN, M. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERREIRA. J. R. **Tdics na Educação Escolar:** Políticas Públicas Para Implementação dos Recursos Tecnológicos da Rede Pública de Ensino do Estado de Goiás / Inhumas (GO). 2022. Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Educação, Mestrado Acadêmico da Faculdade de Inhumas, para obtenção do título de Mestre em Educação.

FONSECA. S. G; PASSOS, I. **Didática e prática de ensino de História experiências, reflexões e aprendizados**. [s.l.] Campinas Papirus Editora, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Escola Sem Partido: Imposição da Mordaça aos Educadores.** e – Mosaicos – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ). V. 5 – n. 9 junho 2016 – ISSN: 2316-9303.

GABRIEL, M. **Educar: a revolução digital na educação**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Iône Rodrigues Diniz, ZAROS, Lilian Giotto; Rêgo Diógenes. **Ensino Remoto Emergencial: Proposta de design para organização de aulas (recurso eletrônico)** – Natal: SEDIS/UFRN, 2020

GERE, Richard. **Digital Culture**. London: Reaktion Books, 2008.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Tradução: José Viegas. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JARDIM, Lucas Augusto. CECÍLIO, Waléria. A. G. **Tecnologias educacionais: aspectos positivos e negativos em sala de aula**. In: XI Congresso Nacional de Educação. Curitiba. 2013.

KATZ, E. P; MUTZ. C. A. S. **Escola sem partido–produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil**. ETD-Educação Temática Digital, v. 19, p. 184-205, 2017.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias o Novo Ritmo Da Informação**. Editora Papirus. Campinas, SP, 8ª edição, 2011.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

KLANOVICZ, J. **Tecnologia De Força Bruta e História Da Tecnologia**. Fronteiras: Revista Catarinense de História, n. 27, p. 134, 5 jun. 2007.

LEÃO, E. Mamede. **Educação em Tempos de Pandemia**: relatos de professores/ E. Mamede Leão. Brasília. DF: Semim edições, 2021.

LEITE, L. S. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, W. (Org.). **Tecnologia e educação**: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

LEMOS, A. **Cultura da Mobilidade**, in Revista Famecos, vol.1, n. 40, 2009.

LÉVY, P. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

LÉVY, P. Pela ciberdemocracia. IN: MORAES, D. de (org.). **Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico social dos conteúdos**. São Paulo; Loyola, 2007, 160 p.

LISTER, Martin; DOVEY, Jon; GIDDINGS, Seth; GRANT, Iain; KELLY, Kieran. **New Media: a critical introduction**. 2. ed. New York: Routledge, 2009.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

MARCUSHI, A. L. E, XAVIER, C. A. **Hipertexto e gênero digitais**: novas formas de construção de sentido. - 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Marco, Túlio. **Eucação pública e desigualdades Regionais em Goiás: O Processo de Ensino-aprendizagem no Interior do Brasil em Tempos de pandemia**. LEÃO, E. Mamede. **Educação em Tempos de Pandemia: relatos de professores. (Orgs.)** Brasília. DF: Semim edições, 2022.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Tradução. Campinas: Papirus, 2006. . . Acesso em: 25 fev. 2024.

MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 133-173.

MATTAR, J. **Games em Educação: apostila para o curso de Pós-Graduação em Inovação e Gestão em EaD pela USP**. São Paulo: USP, 2014. Não publicado.
McLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1970.

MIGUEL, L. F. **Da Doutrinação Marxista à Ideologia de Gênero: Escola Sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro**. Direito e Práxis. Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, 2016. Disponível em: Acesso em: 10 dez. 2016.

MOLON, S. I. **Cultura – A dimensão psicológica e a mudança histórica e cultural**. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sociocultural, Campinas, SP, 2000.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 17. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-66.

MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A.; MASSETO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas-SP. Papirus, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MOURA. E. A. **Educação, Políticas Neoliberais e Avaliação Externa na Rede Estadual de Goiás nos Anos de 2015, 2017 e 2019**. Faculdade de Inhumas – Facmais Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação.

NUNES, Radamés Vieira. Cidades mascaradas: vida urbana na era do álcool em gel. In. SANTOS, Regma Maria dos; NUNES, Radamés Vieira (orgs). **Discutindo a pandemia:** cidades, memórias e culturas. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. p. 60.

NUNES, Radamés Vieira; ASSUNÇÃO. Ana Lúcia Lopes. PIBID-HISTÓRIA E SUAS (ADAPT)AÇÔES: Ensino de História em Tempo de Exceção, um Programa Diferente para Iniciação. Cap. IV. Org: SANTOS, Marcia, Pereira dos; SOLLAZZI. José Luís. **O**

Pibid/UFCAT: Experimentações de Formação Docente em tempos de Pandemia. Rio de janeiro. 2022

PEREZ, F. G. e CASTILLO, D. P. **La mediación pedagógica**. Buenos Aires: Ciccus, 1999.

PINTO, M. L. S. **Práticas educativas numa sociedade global**. Porto: Edições ASA, 2004

PORTO, T. M. E. **As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas?** 2012 p. 157 – 166.

PRENSKY, M. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: Senac, 2001.

PRETTO, N. L. **Políticas públicas educacionais: dos materiais didácticos aos materiais multimédia**. Revista de Educação, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2001.

ROCHA, Cristianne Maria Farmer. **A escola na mídia: entre inovações e controles**. Educação Temática Digital, v. 9, p. 126, 2008.

SANTOS, A. **Programa de Língua Portuguesa: um diálogo necessário com as TIC**. In Jornal Via ESEN, 2008.

SANTOS, Monise Mota dos, FRANÇA, Vanessa de Souza, SANTOS, Leandro dos. **Prática docente na educação infantil: Relação do saber com a aprendizagem da criança.** 2017.

SANTOS, Regma Maria dos, NUNES, Radamés Vieira (orgs). **Discutindo a pandemia: cidades, memórias e culturas**. Rio de janeiro: Autografia. 2021.

SETTON, M. G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

SILVA, M. **Tudo que você consegue ser-Triste**. BNCC/História (A versão final). Ensino em revista. V. 25, n. 4. 2018.

TAJRA, S. F. **A Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. 9. ed. São Paulo. Érica, 2012.

TEIXEIRA. Geralda da Cunha. **A pandemia nos Coloca Superá-la Para Continuar Vivendo; Superá-la Para Continuar Educando**. LEÃO, E. Mamede. **Educação em Tempos de Pandemia: relatos de professores. (Orgs.)** Brasília. DF: Semim edições, 2022.

VANDRESEN, Ana Sueli Ribeiro. Web 2.0 e educação: **Uso e Possibilidades**. In: X congresso nacional de educação - educere, 2011, Curitiba. **I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE**. Curitiba: PUCPR, 2011. p. 12658 - 12667.

WILLIAMS, Raymond. **Technology and Cultural Form**. 1º ed. Londres: Shocker Books, 1975.

ZARTH, P. A. B. **Ensino de História, participação da comunidade e cultura histórica**. Saeculum. 2001. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11263 . Acesso em: 13 novembro. 2024.